

# M'BOITATÁ

REVISTA DE ARTES, CRÍTICA, MUSEOLOGIA E PERFORMANCE  
COORDENAÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS DA PREFEITURA DE PORTO ALEGRE



#1



# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>LINHA EDITORIAL.....</b>	<b>7</b>
<b>NOTA dos EDITORES.....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
<b>A FORMAÇÃO do ACERVO ARTÍSTICO.....</b>	<b>18</b>
<b>AS BASES E OS PERSONAGENS DA FORMAÇÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>LEANDRO TELLES.....</b>	<b>23</b>
<b>CONSOLIDAÇÃO E CRESCIMENTO (1971-1974).....</b>	<b>24</b>
<b>O INÍCIO DA CONSOLIDAÇÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>CRESCIMENTO.....</b>	<b>27</b>
<b>O LENTO declínio (1975-1982).....</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFÊRENCIAS.....</b>	<b>36</b>



**PREFEITURA**  
**PORTO**  
**ALEGRE**

SECRETARIA DA CULTURA



João Turin - Índio Lutando com a Cobra - sem data - técnica bronze - acervo Pinacoteca Aldo Locatelli.

## APRESENTAÇÃO

*Ao ter diante dos olhos o projeto da nova revista da CAP – Coordenação de Artes Plásticas – e do seu Acervo Artístico, denominada de M'boitatá a sensação foi a de estar diante de um rebento. Nessas ocasiões o sorriso arrisca ir adiante dos olhos sem no entanto perder-se a solenidade de ser testemunha de um nascimento. Também é praxe nesses momentos desejar um grande futuro a criança que está surgindo e o desenvolvimento de uma personalidade própria que irá marcar sua trajetória.*

*Entretanto, ainda é costume ao focar nas feições que estão a surgir, tentar identificar as semelhanças com "os pais da criança", ou em outras palavras, é importante refletir que quem surge já vem marcado pelo desejo e pela história vivida por quem o concebeu.*

*Nesse sentido o surgimento desta revista no formato eletrônico é sem dúvida fruto do amadurecimento da Coordenação de Artes Plásticas e do Acervo Artístico, que enxergam este o momento, não apenas para a divulgação de seu meritório trabalho, mas principalmente para lançar um veículo de comunicação que jogue luz para o pensamento crítico sobre a produção e a manifestação artística de nossa cidade e país. Querem ainda os editores que a mesma seja um espaço qualificado e de incentivo a pesquisa sobre as coleções que compõem o Acervo Artístico, tanto é assim que este primeiro número, trata de um artigo do servidor do Acervo e museólogo Luiz Mariano Figueira que aponta para as origens da coleção Ruben Berta, que hoje está abrigada no casarão da Rua Duque de Caxias nº 973.*

*Não poderia encerrar estas breves palavras, sem antes comentar sobre o nome escolhido para personificar a publicação eletrônica em apreço.*

*Em uma passagem do livro de Maria Cecília Lourenço França denominado Museus Acolhem Moderno, a autora ao referir-se a constituição dos museus regionais materializados por Assis Chateaubriand, diz sobre a coleção que seria direcionada a Porto Alegre e que hoje é conhecida por Pinacoteca Ruben Berta, que a mesma seria nomeada por Chateaubriand de Galeria Boitatá em uma resposta irônica e bem humorada sobre as críticas que recebia de que estes museus seriam uma espécie de museus fantasma.*

*No entanto, boitatá pode ser vista na atualidade como um signo, ou seja, um elemento do imaginário que compõe nossa realidade. Essa revista, a tanto acalentada pela CAP é agora também real.*

*Bem vinda M'boitatá!*



*Sala de exposições principal da Pinacoteca Aldo Locatelli.*

## Linha Editorial

O projeto de editar uma revista eletrônica por parte da Coordenação de Artes Plásticas da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre é recente, porém as inquietações, e por que não dizer, o surgimento de uma certa angústia criativa pautava havia muito tempo as discussões no interior da CAP.

Na maior parte das vezes o nó que conectava os ramais de discussão na Coordenação foi debater o redimensionamento, ou melhor, qual é o papel no circuito das artes plásticas local que vem tendo as Pinacotecas Ruben Berta e Aldo Locatelli.

Tais Pinacotecas há muito materializam com rigor o conceito de museu que apresenta como funções básicas adquirir, conservar e expor as obras de arte para fruição e educação para as artes da população. Entretanto, mais do que cumprir as funções museológicas as Pinacotecas se tornaram parte integrante do circuito de produção, circulação e consumo, do mercado de artes em especial em Porto Alegre.

A Ruben Berta sintetiza o projeto de museus regionais a partir do olhar de uma elite intelectual e econômica que nos anos 1960 projetava-se a partir de São Paulo, ainda hoje o centro financeiro do país. Esta coleção inspirou a formação e o estilo de artistas que fizeram sua formação no RS e que ganharam posteriormente visibilidade nacional.

Quanto a Aldo Locatelli esta é bem mais do que a expressão da linha de tempo da produção artística porto-alegrense e gaúcha. Esta coleção não só concentra as tendências e as expressões dos movimentos artísticos ao longo do tempo, bem como, pode-se dizer, hoje ter uma obra assinada neste acervo pode inserir ou sacramentar um artista no círculo de prestígio da arte local.

No entanto esta projeção do Acervo Artístico não se deu de forma isolada. Ela é interligada ao trabalho da CAP como num sistema, onde a Coordenação atua da formação artística a exibição de trabalhos em mostras, prêmios e exposições isoladas ou de grupos, e com esta atuação acaba por vezes pautando rumos e tendências, e nesta ação

contínua vem por retroalimentar o circuito das artes plásticas na Cidade.

Entendemos que foi a maturidade alcançada pela Coordenação e pelos setores que demarcam seu organograma que deu esta "cutucada" instigante de refletir sobre o seu trabalho e o papel das artes na sociedade contemporânea. Por assim pensar é que formatamos esta revista com o objetivo dividir nossos anseios com outros parceiros e atores sociais por meio da colaboração reflexiva.

Abaixo estão expressas as linhas gerais por onde deverá se mover esta publicação.

Bom trabalho a todos!

- Colaborações a partir de pesquisas ou opinião crítica sobre obras ou exposições realizadas pelo Acervo Artístico, ou ainda versando sobre o contexto de produção e incorporação da (s) obra(s) ao Acervo;

Contribuições sobre a obra e/ou objetos de artistas que participaram ou produziram no Ateliê Livre da Prefeitura;

Artigos de temática livre relacionados ao estado das artes em geral ( A Revista poderá propor um tema de referência para os artigos)

Contribuições em "discurso visual" ( gravação de performances, labor artístico, pesquisa, etc.)

Obs: A qualidade das contribuições será avaliada por pareceres encaminhados a um conselho editorial.

Por que Boitatá?

Boitatá a serpente de fogo encantada de origem guarani é com quase certeza um dos primeiros seres míticos descritos neste território por José de Anchieta em 1560, quase que ao mesmo tempo em que estas terras passaram a se chamar Brasil. Boitatá é ainda um ser antropofágico por natureza, porque o fogo que marca suas formas é oriundo do braseiro dos olhos de outros animais que a serpente tomou como alimento. É esta inspiração que esta revista pretende carregar: a de ser um fogo que corre, não em linha reta como é a pretensão do evolucionismo progressista, mas como uma cobra em sua marcha sinuosa como os meandros dos rios. Uma luz na campina escura, assim como as artes e os seres mitológicos, sujeitos a várias interpretações. Muitos olhares e vozes polifônicas, assim são as lendas e é assim que pretende nascer esta revista.

1906  
m m



Do Prof. de São Alípio  
Gereia Bocelli



## Nota dos Editores

É com expectativa e ainda com um repesado orgulho que redigimos esta nota sobre o surgimento e o primeiro número da Revista M'boitatá. As pretensões e os objetivos da publicação já foram esboçadas no texto de apresentação. Nos dirigimos aqui em particular aos leitores a quem desejamos venham a ser parceiro e interlocutor, o que significa uma troca construtiva de reflexão e de olhares, onde toda a crítica e colaboração são sinceramente bem vindas.

Esta edição de N<sup>o</sup> 1, é ainda experimental, sendo que é objetivo da Revista constituir um conselho editorial e um grupo de pareceristas, que por certo já estarão contribuindo na próxima edição que se pretende seja semestral.

O texto inaugural é uma síntese da pesquisa desenvolvida pelo museólogo Luiz Mariano Figueira, servidor da Coordenação de Artes Plásticas denominado "A formação do Acervo Artístico: a gênese das pinacotecas municipais nos anos 1970".

Neste texto Luiz Mariano se debruça sobre as razões da formação e perfil das pinacotecas Ruben Berta e Aldo Locatelli, a partir da perspectiva e atuação dos atores sociais responsáveis pela área cultural do município naquele momento histórico. Em um texto fluído e de extrema qualidade o autor expõe suas conclusões a partir de uma exaustiva pesquisa documental nos dossiês das peças das Pinacotecas, entrevistas e em obras de referência.

A equipe de M'boitatá se sente enaltecida pela oportunidade de divulgar o trabalho de Luiz Mariano e ao mesmo tempo espera que este número inaugural estimule a continuidade do trabalho de pesquisa e documentação de acervo com qualidade exemplar e contribua para o conhecimento sobre as formulações e o estado da arte na capital gaúcha.

A todos uma boa leitura.



por LUIZ MARIANO FIGUEIRA DA SILVA

## A FORMAÇÃO DO ACERVO ARTÍSTICO DE PORTO ALEGRE A GÊNESE DAS PINACOTECAS MUNICIPAIS NOS ANOS 1970

*"Compor um começo  
com particularidades  
e torná-las gerais,  
arrolando a soma,  
por meios imperfeitos"*

William Carlos Williams

### RESUMO

Artigo que procura identificar e analisar as bases e os personagens responsáveis pela formação do Acervo Artístico da Prefeitura de Porto Alegre (composto pelas Pinacotecas Aldo Locatelli e Ruben Berta) durante os anos 1970. Demonstra, através da ótica do interacionismo simbólico, o protagonismo de um personagem central no processo de formação, crescimento e consolidação do Acervo: Leandro Silva Telles. Conclui que as Pinacotecas Municipais devem sua existência – ao menos na sua conformação atual, um dos maiores acervos de artes plásticas do País – às ações e iniciativas levadas adiante por Leandro Telles, dentro de uma conjuntura muito especial, onde o apoio decisivo do Prefeito Telmo Thompson Flores - entre 1971 e 1975 - foi de fundamental importância. Conclui, também, que o processo de formação de tal Acervo está inserido dentro do movimento de preservação do patrimônio cultural em Porto Alegre iniciado a partir dos anos 1960. Palavras-chave: Acervo Artístico de Porto Alegre; Interacionismo Simbólico; Leandro Silva Telles; Patrimônio Cultural.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, procuro identificar os elementos e processos que possibilitaram a formação do Acervo Artístico da Prefeitura de Porto Alegre no período compreendido entre 1970 e 1982. A hipótese central é que a existência do Acervo Artístico Municipal – pelo menos na sua conformação atual – só se tornou possível, e perene ao longo do tempo, devido às ações e ao protagonismo de um personagem central: Leandro Silva Telles, seu primeiro diretor. Como hipótese secundária – e com a intenção de preencher uma lacuna nos estudos sobre a preservação do patrimônio cultural nesta cidade, é que a formação do Acervo Artístico Municipal está inserida dentro do movimento de preservação patrimonial em Porto Alegre a partir dos anos 1960 do século XX.

Considera-se Acervo Artístico Municipal a Instituição surgida a partir de 1971 e composta por duas pinacotecas: a Pinacoteca Ruben Berta, doada ao Município naquele ano, e composta por um acervo fechado de 125 obras; e a Pinacoteca Municipal, cujas origens remontam ao século XVIII. A partir de 1974, a antiga Pinacoteca Municipal passou a se chamar, oficialmente, Pinacoteca Aldo Locatelli.

A Pinacoteca Ruben Berta foi formada por iniciativa de Assis Chateaubriand<sup>1</sup>, que na década de 1960 reuniu uma grande quantidade de obras de arte em seu projeto de criação de vários acervos regionais pelo Brasil. Reúne obras de reconhecidos artistas nacionais e estrangeiros, que marcaram o panorama artístico dos anos 1960;

bem como, entre outros, de representantes do século XIX, de modernistas brasileiros (Di Cavalcanti, Portinari etc) e naïfs. O nome homenageia o pioneiro da aviação comercial do Brasil, Ruben Berta, diretor da VARIG<sup>2</sup> – Viação Aérea Riograndense – e um colaborador voluntário de Chateaubriand no transporte daquelas coleções para seus lugares de destino. Originalmente, a coleção deveria se chamar “Boitatá”, mas a inesperada morte de Berta em dezembro de 1966 – poucos meses antes da inauguração oficial, fez com que Chateaubriand batizasse a coleção com o nome do amigo.

A instalação oficial do conjunto de peças reservado para Porto Alegre se deu em 6 de março de 1967, nos estúdios da Rádio Farroupilha e da TV Piratini, no Morro Santa Teresa. Seu primeiro diretor artístico foi o pintor, professor e crítico de arte Angelo Guido, que permaneceu dirigindo este acervo até falecer, em dezembro de 1969. Chateaubriand já havia morrido no ano anterior, e seu desaparecimento, desestruturando o seu império de empresas de comunicação, fez com que a coleção não mais pudesse ser mantida pelos Diários e Emissoras Associados e fosse doada, de forma oficial, à Prefeitura de Porto Alegre em 10 de novembro de 1971, sendo, a partir de então, exibida no Paço Municipal durante, aproximadamente, uma década.

A partir de 1975, com a progressiva ocupação dos espaços no Paço para gabinetes de variados órgãos da administração municipal, os espaços

<sup>1</sup>Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, conhecido como Assis Chateaubriand (1892-1968) foi um magnata das comunicações entre os anos 1930 e 1960, sendo um dos homens mais influentes do Brasil nesse período; dono do que foi o maior conglomerado de mídia da América Latina. Co-criador e fundador do MASP, em 1947, e responsável pela chegada da televisão ao Brasil, em 1950. Foi Senador da República entre 1952 e 1957.

<sup>2</sup>A VARIG – Viação Aérea Riograndense, fundada em 1927 pelo alemão Otto Ernst Meyer e presidida desde 1941 por Ruben Berta – funcionário da empresa desde o início de suas atividades – era considerada entre as décadas de 1950 e 1980 como uma das maiores e mais conhecidas companhias aéreas do mundo. A empresa, após longa crise iniciada a partir dos anos 1990, encerrou suas atividades em 2006.

para exposição das obras de arte foram reduzindo-se, deixando de oferecer condições adequadas. Em vista disso, um convênio com o Governo do Estado possibilitou a guarda do acervo nas dependências do MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul, onde permaneceu até 2008, quando retornou ao Paço.

A partir do final dos anos 1980 a coleção começou a ser estudada e apresentada por especialistas em arte em mostras curatoriais, foi feito o tombamento do acervo e as peças danificadas foram restauradas. O primeiro catálogo geral foi editado em 1991, e o conjunto de 125 obras não foi



Cônsul da Alemanha doando a obra em 1975.



Schaeffer, "Casas de Parati" - 1960

ampliado no curso dos anos, permanecendo como um acervo fechado, com peças de Portinari, Almeida Júnior, Di Cavalcanti, Manabu Mabe, Lasar Segall, Francisco Stockinger, Angelo Guido e vários outros artistas de relevância nacional, com diversas obras de autores estrangeiros, com destaque para o chinês Chang Dai-Chien, o indonésio Affandi e diversos exemplares da pop art britânica da década de 1960.

A Pinacoteca Aldo Locatelli tem sua origem na antiga pinacoteca que foi sendo formada desde o fim do século XVIII pela Câmara Municipal de

Porto Alegre. Seguindo o costume da época, o fato de reunir uma coleção de arte tinha tanto o objetivo de adorno e desfrute estético, como também de reafirmar visivelmente a ideologia dominante. Assim, foram sendo adquiridos bustos e retratos de dignatários da província, da família real e de heróis militares, além de outros dos presidentes da própria Câmara.

Essa prática se manteve, inclusive, mesmo depois de proclamada a República, possibilitando a composição de um painel significativo da vida política e também artística do Rio Grande do Sul, especialmente do início do século XX. Quando foi inaugurado, em 1901, o Paço Municipal foi decorado, desde o início, com obras de arte com aquele mesmo propósito original, muito embora a coleção ainda não estivesse sistematizada e organizada.

Como a Câmara de Vereadores passou por várias sedes em sua história, muitas das obras dos primeiros tempos acabaram se dispersando e desapareceram, mas o que restou era, nos anos 1940, significativo o bastante para o conjunto de peças ser reconhecido por sua qualidade. Nos anos 1970 foram iniciadas exposições com este acervo, contando inclusive com visitas guiadas para escolares, e outras peças foram incorporadas à coleção provenientes de outros órgãos da municipalidade e através de aquisições, por meio de doações, de artistas locais e estrangeiros.

Em 7 de novembro de 1974 a coleção foi finalmente oficializada, recebendo o nome atual em homenagem ao pintor italiano Aldo Locatelli, radicado em Porto Alegre a partir de 1950 e que exerceu marcante atividade na capital e em várias outras cidades do Rio Grande do Sul. Entretanto, logo depois os espaços expositivos do Paço deixaram de estar disponíveis e, na década de 1980, esta coleção também foi depositada no MARGS, como forma de ser melhor preservada até que a prefeitura pudesse providenciar um local com as condições próprias para guarda e exposição de obras de arte. No MARGS as peças foram expostas esporadicamente, em conjunto com a coleção própria do museu.

Nos anos 1990 iniciou-se uma fase de trabalho especializado sobre o grande conjunto de obras da Pinacoteca, com o seu tombamento definitivo e realização de trabalhos de higienização, conservação e restauro, além de passarem a contar com uma sala específica no MARGS para sua exibição ao público, a Sala Berta-Locatelli. Também neste período iniciaram-se projetos de mostras temáticas curadas por estudiosos da arte, e salões de arte patrocinados pela Prefeitura trouxeram um núme-

ro adicional de peças à coleção. Como resultado, mesmo no MARGS, o espaço reservado para seu depósito começou a ficar pequeno, se fazendo urgente dar uma destinação definitiva a esse acervo. Para isso a Prefeitura, visando o retorno das duas pinacotecas ao Paço Municipal, realizou diversas benfeitorias no prédio histórico do Prefeitura "Velha", a fim de adequar alguns espaços como reserva técnica e galeria de exposições. Assim, as obras retornaram, oficialmente, ao Paço em 18 de setembro 2008.

A Pinacoteca Aldo Locatelli possui um expressivo grupo de obras de importantes artistas gaúchos, como, entre outros, Vera Chaves Barcellos, Benito Castañeda, João Fahrion, Libindo Ferrás, Angelo Guido, Henrique Fuhro, Vasco Prado, Carlos Alberto Petrucci, Pedro Weingärtner e Carlos Scliar, bem como peças de nomes nacionais e internacionais.

Devido à inexistência de trabalhos/estudos acadêmicos sobre o Acervo Artístico da Prefeitura de Porto Alegre, os principais referenciais teóricos deste texto são os trabalhos de Marlise Giovanaz – sobre a preservação patrimonial de Porto Alegre entre 1960 e 1979, de Zita Possamai – sobre os processos e motivações na construção da memória da cidade de Porto Alegre, e, como contraponto, a teoria de George Herbert Mead sobre as múltiplas possibilidades de conduta que um indivíduo apresenta dentro de um determinado grupo social e as possibilidades do mesmo promover mudanças "de dentro para fora" em determinadas realidades socio-históricas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Através dos estudos pioneiros de Pierre Bourdieu e Alain Darbel (2003) sobre o público freqüentador dos museus de arte europeus, concluiu-se que o acesso e compreensão das obras de arte estavam restritos a uma parcela da população que detinha a necessária cultura e educação para tal. Desenvolveu-se, assim, um sistema de explicação sociológica da dominação social. A escola e a cultura poderiam cumprir as funções de clivagem e violência simbólica no campo social. O capital simbólico necessário para o entendimento das obras de arte, ao estar restrito a uma pequena parcela da população, constituía um papel de diferenciação social.

Segundo os autores, o capital cultural é

determinante na seleção social e escolar e a cultura erudita está mais próxima dos estudantes de classe média e alta, o que aumenta as desigualdades escolares. As condições de participação social baseiam-se na herança social. O acúmulo de bens simbólicos constitui o "habitus" através do qual os indivíduos elaboram suas trajetórias e asseguram a reprodução social. A dominação imposta pela aceitação das regras "de cima para baixo" explica o termo violência simbólica: a adesão dos dominados.

Para Bourdieu e Darbel a forma tradicional de ensino pode ser um dificultador à apreensão da cultura. O deciframento dos caminhos e instrumentos sociais que constroem um determinado projeto estético de arte podem assumir uma função social de ser capaz de instruir as massas ou aclamar os valores burgueses.

No mercado de bens simbólicos a arte é, ao mesmo tempo, um bem simbólico e econômico. Simbólico para o detentor dos meios para decifrá-la e econômico por seu valor monetário.

A visita a museus não é um hábito espontâneo, é um hábito que se forma na família, através da escola ou através de amigos.

Após pesquisar o público de museus de arte na Europa por dez anos, os autores concluíram que:

[...] as estatísticas mostram que o acesso aos bens culturais é privilégio das classes educadas, cultas. Todos os comportamentos dos visitantes e suas atitudes em relação às obras exibidas são diretamente e quase exclusivamente relacionados à educação, mesmo se medidos pelas qualificações (titulações obtidas ou pelo tempo de escolaridade) (BOURDIEU, DARBEL, 2003).

Passados mais de quarenta anos da publicação do trabalho de Bourdieu e Darbel, Adriana M. Almeida, através de um estudo comparativo entre os visitantes do Museu Paulista com os da Pinacoteca do Estado e do Museu de Zoologia demonstrou, através de dados quantitativos, as diferenças de renda, escolaridade, motivações, nível cultural, número de acompanhantes, hábitos e faixa etária que separam o público da Pinacoteca dos freqüentadores dos outros museus, o que ratifica, nesse caso, a validade das conclusões dos autores.

Como contraponto à elitização do público de arte, Lígia Dabul levanta a questão da proliferação de centros culturais a partir dos anos 1970, o que

tem atraído o grande público a exposições de artes plásticas.

As cifras de público relativas aos centros culturais e museus de arte confirmam um enorme e crescente número de visitantes a exposições de arte em espaços públicos das grandes cidades. Entretanto, a multiplicidade de atividades oferecidas nesses locais parece ser o principal fator de atração de público, o que não ocorre num museu de arte convencional.

[...] a criação de centros culturais coincide com a tendência mundial de construção de museus monumentais, que, além de estarem voltados para receber um público bem maior, concentram atividades as mais diversas – livrarias, restaurantes, lojas, bibliotecas etc –, tornando-se também, eles mesmos, objeto de atração do público (DABUL, 2008, p. 263).

Quanto à significação desse afluxo de público a autora afirma que:

A presença do público em exposições de arte, sobretudo das classes populares, suscita, tanto para atores envolvidos com a política cultural e com a viabilização dessa presença como para os cientistas sociais que estudam esse afluxo, questões de ordem política, de desdobramento desses fenômenos e de sua inserção em outros de natureza abrangente. Essas questões permeiam objetivos e o encaminhamento de muitas análises sobre o interesse e a participação do público nessas exposições. Uma dessas questões diz respeito à capacidade efetiva, e daí à própria legitimidade, de indivíduos oriundos das classes populares participarem de situações como as exposições de objetos de arte e, mais ainda, dessas exposições serem concebidas e produzidas em função de sua participação nelas. Parte considerável dos estudos sobre a recepção está de fato marcada pela discussão sobre a possibilidade ou impossibilidade das classes populares terem direito ao acesso e "receberem" conteúdos e mensagens veiculadas em exposições de arte (DABUL, 2008, p.



Leandro Telles recebendo a obra "O Tucano".  
263-4).

Assim, de um lado colocam-se os que defendem a promoção da arte produzida pelas classes populares e de outro os que defendem a instrumentalização dessas classes para que decifrem/consumam adequadamente a arte erudita.

Na questão da preservação do patrimônio cultural em Porto Alegre - em que pese as diferenças entre os estudos anteriores que abordam a recepção da obra de arte pelo público, e o caso de um grupo muito seletivo de indivíduos que, mais que consumir arte, assumirão o protagonismo na sua preservação - é possível identificar/demarcar dois períodos que reproduzem o embate acima. Giovannaz (2002), ao analisar o período compreendido entre 1960-1979, constata que a preocupação com a preservação estava a cargo de alguns intelectuais (conhecidos como "barões do cupim") que através da imprensa denunciavam o vertiginoso crescimento e modernização da cidade, com a destruição de prédios históricos.

Nomes como Alberto André, Riopardense de Macedo, Leandro Telles e outros faziam coro e se debatiam contra a perda dos referenciais de



Kennedy Bahia, "O Tucano" - sem data.

identidade da cidade. Nesse período, a noção de patrimônio cultural era alvo de preocupação de uma "elite intelectual", sendo a via de preservação exercida através do poder público "de cima para baixo".

Quanto a esse processo, a autora constata que:

*Em nosso país, diferentemente de outros lugares, a noção de patrimônio cultural está intimamente ligada à ação do poder público e percebida como responsabilidade deste e está em nossa situação diretamente associada à noção de política oficial de preservação histórica. Coube, portanto, no caso do Brasil, ao poder público salvar as obras que definem materialmente nossa história, e neste processo de escolha do que deve ou não ser preservado, podemos perceber uma conotação conservadora e elitista, atrelada aos grupos mais tradicionais da comunidade (GIOVANAZ, 2002, p. 122).*

No final dos anos 1970, novos atores abraçam a luta pela preservação, notadamente arqui-

tetos e outros intelectuais que – anteriormente – não costumavam se envolver nessa questão. O processo se complexifica, e a partir dos anos 1980 começam a surgir demandas em relação à preservação de bens culturais "não consagrados" pela elite intelectual, mas importantes como referências locais para a população da cidade. Conforme Meira (2004), as demandas populares na questão da preservação do patrimônio cultural passaram a ser reconhecidas e implementadas a partir dos anos 1990.

Verifica-se aí a tensão entre a promoção dos referenciais da cultura popular versus a instrumentalização das classes populares para que decidam e se sintam parte da visão de preservação da elite local. Acredito que, no caso de Porto Alegre, essas duas concepções – antes de serem antagônicas – são complementares. Sendo as demandas populares da década de 1990 uma consequência/avanço do processo iniciado nos anos 1960, salientando que se considerarmos a conjuntura social, educacional, política e cultural daquela época, não havia outra maneira de iniciar o processo. A participação popular só poderia/pôde se dar após todo um processo de amadurecimento sócio/cultural e abertura política.

Conforme Miceli (1979), os intelectuais brasileiros, além de terem uma incrível atração por cargos no Estado, compartilhavam de um viés conservador na questão social, independentemente do fato de serem de "esquerda" ou "direita". Conservador, nesse caso, segundo o autor, é um conceito que deve ser entendido como o sentimento de compartilharem uma mesma visão de mundo, de que estavam participando e promovendo um processo civilizatório e de integração nacional; construindo uma nação/civilização brasileira.

Essa análise, em vários aspectos, também é válida para o grupo de intelectuais dos anos 1960 que iniciaram a luta pela preservação patrimonial, pois apesar dos múltiplos matizes político-ideológicos de seus membros, todos estavam "unidos" por um objetivo comum (a defesa do patrimônio) e, por derivação, eram a "luz da civilização" tentando iluminar as trevas, ou, conforme Giovanaz (2002) eram "os leitores especiais da cidade", que detinham o capital cultural que os habilitava como representantes de uma causa. Assim, de acordo com a autora:

*A aproximação da memória de um grupo ou classe específicos e sua devolução como história "de todos", única, é parte do discurso do patrimô-*

nio histórico, que realiza muitas vezes a magia de ocultar conflitos através da apropriação de tradições populares ou típicas de grupos e através disso "inventa" uma memória ou tradição homogêneas. O patrimônio histórico se constitui assim em uma narrativa eminentemente conservadora que busca a construção de uma história única e representativa do poder constituído." (GIOVANAZ, 2002, p. 124).

orientação conservadora e do caráter homogeneizador de um "processo civilizatório", de levar, pelas palavras do próprio Leandro Telles "a cultura ao povo"; bem como de uma posição profissional (no Acervo Artístico) conquistada, em boa medida, por força de relações sociais, é necessário relativizar a teoria até aqui abordada, uma vez que a análise da formação e evolução do Acervo Artístico ao longo dos anos 1970 mostra uma realidade mais complexa, plural, enriquecedora e de "mão dupla" entre a visão e militância do "intelectual conservador" e



Prefeito Thompson Flores recebendo a doação de Britto Velho em 1973, com o Secretário de Educação e Cultura Frederico Lamachia e o Diretor do Acervo Leandro Telles a direita na foto.

Quando, em 1971, Leandro Telles é convidado para dirigir a Pinacoteca Municipal, não podemos enquadrá-lo como um caso clássico de intelectual "cooptado" pelo poder. Neste caso, durante os anos que viriam – notadamente a partir de 1975 – muitas vezes se deu o contrário, com pesadas críticas (abertas ou veladas) ao poder público municipal nas questões relativas ao patrimônio histórico e às Pinacotecas Municipais. Em que pese possuir todo um handicap de formação cultural, capital simbólico e social, Leandro Telles não dependia economicamente deste cargo, o que lhe dava mais liberdade de ação e para manter o compromisso com suas idéias.

Entretanto, mesmo considerando o fato da

uma abertura para uma saudável "heterogenização" do Acervo.

Assim, para poder entender como se deu a formação do Acervo Artístico de Porto Alegre, bem como analisar as múltiplas possibilidades de conduta que um indivíduo apresenta: as "afinidades eletivas" entre a elite local; as adaptações que a rotina traz ao longo do tempo; o enriquecimento intelectual; as contradições dentro do sistema de artes no período, tentarei fazer uso da teoria do self, de George H. Mead (1972; 1973) tendo como obra referencial a publicação "Mind, Self and Society".

Mead (1863-1931), que estudou na Alemanha, apresentou um pensamento diferente. Influenciado por Kant, Marx e, principalmente, Hegel, foi um



dos precursores da Psicologia Social. Como participante do "pragmatismo americano", considerou a racionalidade do homem como capaz de modificar e dirigir o curso da evolução humana. Acreditava no modelo de democracia americano, defendendo que o mesmo poderia servir de modelo para uma "sociedade universal".

As premissas contidas nesta abordagem remetem ao idealismo alemão do século XVIII, cujos preceitos foram a base da formação cultural/intelectual de Leandro Telles. Creio ser particularmen-



Britto Velho, "Pintura" - 1973.

te importante considerarmos os preceitos de uma "ética universal" de Kant aliados à idéia de que o motor da história não está no materialismo histórico de Marx, mas sim no "mundo das idéias", na "Fenomenologia do Espírito", de Hegel, numa conjuntura internacional (e nacional) bipolar, onde, fatalmente, no curso da história, um dos mundos deveria morrer e o outro triunfar (ou o Planeta se desintegrar numa hecatombe nuclear...).

Nesta tentativa de dar sentido ao que vai além do sentido, utilizarei um sistema de análise aberto onde a influência do indivíduo no campo social está baseada na experiência individual no social e nos processos de sociabilidade que permitem ao indivíduo emergir. A sociedade é um modelo orgânico em que os indivíduos estão relacio-

nados ao processo social como os órgãos do corpo humano. Assim, a psicologia individual, a visão de mundo de alguém, só pode ser compreendida a partir da sua formação – e atuação – nos processos sociais.

Para Mead, não existe indivíduo sem sociedade, em outras palavras, o social forma o individual. Uma sociedade não é formada por indivíduos, ela é composta de indivíduos formados dentro de um determinado sistema social. Essa abordagem o aproximaria das posições (talvez um tanto conservadoras...) dos behavioristas e, principalmente, da teoria de Durkheim, mas não é o caso. Para Mead, a perspectiva de anterioridade do social sobre o individual é apenas a primeira parte da formação do self. Mead está interessado no processo de internalização, em como o social é internalizado no indivíduo. O indivíduo interioriza a realidade social de seu tempo, grupo social e formação, mas é capaz de ter uma individualidade ativa no processo de evolução social, ou seja, é possível mudar uma determinada realidade social "por dentro" e não pela ruptura. Nesse processo, contrariamente aos dogmas do materialismo histórico da época, o indivíduo age e ao agir influencia e sofre influências dos demais; o campo da teoria social é um embate cotidiano onde não existem receitas prontas nem definitivas.

A formação do indivíduo resulta de um processo de significação de si em que há um outro generalizado (o grupo social) contra o qual o indivíduo reage e pelo qual o indivíduo se constitui. As pessoas podem se inserir no grupo social não somente se conformando a ele, mas, também, introduzindo mudanças nele, essa é a chave para o entendimento da perspectiva de Mead sobre mudança social.

Para Mead, o Self não pode existir à margem da sociedade, uma vez que ele nasce com a experiência social, dessa forma, Leandro Telles, como membro da elite social local, descendente de Jerônimo de Ornellas, com uma formação tradicional avessa às rupturas propostas pelo campo da esquerda da época, tinha que, necessariamente, atuar dentro da perspectiva e da visão de mundo de seu grupo social.

Isso se reflete na sua atuação no campo da luta pela preservação do patrimônio histórico, entre as décadas de 1960 e 1970, onde os "leitores especiais da cidade" (GIOVANAZ, 1999; 2002) detinham o capital cultural que os habilitava como representantes de uma causa "de todos".

Do mesmo modo, como integrante dos grupos mais tradicionais da cidade, podemos imagi-



Plínio Bernhart doando obra de Tomita em 1973.

nar o seu papel ao aceitar o convite do prefeito e amigo Telmo Thompson Flores e organizar a Pinacoteca Municipal. Não havia contradição entre o acervo da Pinacoteca e a perspectiva de preservação da memória da elite política local. O trabalho começou a partir deste ponto; mas a partir daí, a forma das coisas que estavam por vir sofreria a influência do embate entre o indivíduo ora em conformidade com o seu grupo social, ora em reação/contraste ao mesmo.

As diversas possibilidades de conduta que Mead apontou, relacionadas aos aspectos da situação social e relações (micro)sociais que um sujeito participa está implicada no reconhecimento da relação entre o eu e o mim, como numa situação em que alguém responde de forma inusitada a uma determinada situação social, conforme segue:

*Tal réplica nova à situação social envolvida em uma série de atitudes organizadas constitui o 'eu', em contraste com o 'mim'. O 'mim' é um indivíduo convencional, habitual. Está sempre presente... Mas o indivíduo reage constantemente a tal comunidade organizada, expressando-se a si mesmo. (MEAD, 1973, p.222)*

*Agora bem, esta reação do indivíduo ao 'mim' organizado, ao 'mim' que em certo sentido é somente um membro da comunidade, é o que representa o 'eu' na experiência da pessoa. Os valores relativos do 'mim' e do 'eu' dependem da situação. (MEAD, 1973, p.223)*

Mead insiste na relação entre os dois componentes do self, apontando situações em que um deles se sobressai, mas nunca deixando de frisar que os dois são essenciais para a estrutura da personalidade; atribuindo o processo de mudança



Tomita, "Garrafas" - 1972.

que pode vir a atingir a própria comunidade, às reações constantes do indivíduo à comunidade.

A atuação de Leandro Telles à frente das pinacotecas municipais no período aqui estudado refletiria essa constante dualidade. Um indivíduo que ratificava os valores de seu grupo social, ao mesmo tempo em que, em situações-chave, reagia a essa configuração social. Esse contínuo embate entre o eu e o mim seria o motor da futura formação do Acervo Artístico de Porto Alegre, conforme se verá a seguir.

## A FORMAÇÃO DO ACERVO ARTÍSTICO Conjuntura política

Em março de 1969, poucos meses após a promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI 5) do Governo Federal, Telmo Thompson Flores foi nomeado Prefeito de Porto Alegre pelo Governador Perachi

Barcellos, sendo reconduzido para mais um mandato, em março de 1971, pelo Governador Euclides Triches. Engenheiro civil formado pela UFRGS, Thompson Flores apresentava um perfil eminentemente técnico; nunca havia exercido cargo político eletivo e tendo sua trajetória profissional marcada pelo exercício de cargos de confiança no Governo Militar, como o de Diretor do DNOS, órgão público federal que planejava e executava grandes obras de infra-estrutura urbana para o governo.

Sua gestão (31/3/1969 a 08/4/1975) ficou marcada pela realização de grandes obras que alteraram radicalmente a paisagem e o perfil da cidade. A dimensão das obras e seu impacto na paisagem urbana, durante seu mandato só encontram parâmetro na (primeira) administração Loureiro da Silva (1937-1943), durante o Estado Novo. Ambos são conhecidos como os prefeitos que fizeram as grandes – e maiores – obras de Porto Alegre até os dias de hoje. Alçados ao poder durante períodos de exceção, tiveram sua tarefa facilitada pela concentração de poder no Executivo Municipal, com a oposição permanentemente vigiada e ameaçada pelos órgãos de informação e repressão dos Governos Vargas e Militar.

Em 1971, após ser reconduzido pelo Governador Euclides Triches para mais um mandato, Thompson Flores declarou ao *Correio do Povo*:

*é muito fácil administrar com uma Câmara como a de Porto Alegre (...) cada vez admiro mais o alto espírito público de seus componentes que, sem distinção partidária, tudo realizam no interesse do desenvolvimento de nossa cidade. (Cf. Thompson destaca apoio que recebeu da Câmara, *Correio do Povo*, 12.3.1971, p 8 – in MONTEIRO, s/d, p. 9).*

Certamente que era muito fácil administrar com uma Câmara como a de Porto Alegre, que teve seus poderes diminuídos, com as eleições de 1968 sendo marcadas pela nova lei eleitoral que implantou o bipartidarismo. Sendo as forças que apoiavam o governo agrupadas na Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e a oposição no Movimento Democrático Brasileiro (MDB), com seus vereadores sujeitos permanentemente à cassação de seus mandatos e perda dos direitos políticos.

Durante sua gestão ocorreram a inauguração do Parque Moinhos de Vento, da rodoviária municipal, a abertura do bairro Restinga e a construção do Muro da Mauá. Suas obras viárias

visavam facilitar o deslocamento na cidade, especialmente no entorno da área central, com a construção de seis viadutos, a abertura da Primeira Avenida Perimetral, alargamento e asfaltamento das Avenidas Oswaldo Aranha, João Pessoa, Azenha, Bento Gonçalves, Cristóvão Colombo, Benjamin Constant, Assis Brasil, Sertório, Saturnino de Brito, Estrada do Forte, José de Alencar, Borges de Medeiros, Icaraí e Nonoai, e também das Estradas da Cavalhada, Lami, Lomba do Pinheiro, Belém Velho e Serraria. Retirou de circulação os bondes e lotações, incentivando o transporte automotivo (automóveis e ônibus).

*As reformas urbanas entre 1969-1974 causaram impacto na paisagem urbana e nas formas de experienciar o espaço urbano. A administração Thompson Flores, baseada no urbanismo modernista e em conformidade com o contexto centralizador e autoritário daqueles anos, não se preocupou em discutir com a sociedade a prioridade das obras projetadas frente às demandas populares de habitação, saneamento, saúde e educação, nem a gestão das desapropriações, o valor das indenizações e tão pouco o impacto da transferência das residências e dos estabelecimentos comerciais para outras áreas (MONTEIRO, s/d – p8).*

As rápidas e profundas alterações na cidade, com a destruição de locais e prédios de referência na memória da cidade gerou um forte movimento de reação por parte dos intelectuais que estavam engajados na defesa do patrimônio cultural local. Alberto André, Riopardense de Macedo, Leandro Telles e outros faziam coro contra a perda dos referenciais de identidade da cidade. Devido à pressão desses intelectuais, a Prefeitura nomeou uma comissão para inventariar prédios e espaços de importância histórica que deveriam ser preservados (GIOVANAZ, 1999).

Vivia-se na "era de ouro" (HOBBSAWM, 1995) do capitalismo e do "milagre econômico" brasileiro, o que se refletia na rápida expansão da cidade e a conseqüente destruição de seus locais de referência, bem como no florescimento de um mercado local de bens simbólicos (obras de arte).

## O sistema local de artes plásticas

Durante os anos 1960, como decorrência da "era de ouro" do capitalismo descrita por Hobsbawm (1995), ocorreu a viabilização do mercado de arte em Porto Alegre (KRAWCZYK, 1997). Essa fase dourada do capitalismo, que ocorreu principalmente nos países capitalistas desenvolvidos (EUA-Canadá, Japão e Europa Ocidental) entre 1948 e 1973, também teve efeitos no Terceiro Mundo.

Muitos países terceiro-mundistas deixam de ser dependentes da agricultura para financiar importações. O próprio Brasil, a partir da segunda metade da década de 1950, assiste a produção industrial superar a agrícola. Porto Alegre, inserida neste contexto histórico, sofre intenso desenvolvimento urbano, expansão do setor terciário e conseqüentemente do mercado de bens simbólicos. Aliás, a característica mais evidente no cotidiano das crescentes populações urbanas, nos 'anos dourados', é o aumento desenfreado do consumo, inclusive de bens simbólicos (KRAWCZYK, 1997 – p 143).

Esse crescimento do mercado de arte em Porto Alegre veio a experimentar uma grande aceleração durante o período do "Milagre Econômico" brasileiro – 1970/1973 –, e que coincidiu com o governo de Thompson Flores.

Além do Instituto de Artes da UFRGS, criado em 1908 como Instituto Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul, a cidade passou a contar, durante a segunda gestão de Loureiro da Silva (1960-1963), com um novo espaço de debates e formação de artistas: o Atelier Livre da Prefeitura. Os principais espaços de legitimação da produção artística eram os salões de arte, sendo os principais, no início dos anos 1960, o Salão de Artes da Associação Chico Lisboa (cuja última edição se deu em 1964) e o Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul, promovido pelo Instituto de Artes da UFRGS (com última edição em 1962). Eram concorrentes entre si como espaços de legitimação de novos talentos.

Todavia, ao findar o ano de 1965, a Chico mergulha no mais longo de seus recessos. Por anos permanece apagada do sistema das artes. As razões para tal fato são múltiplas. Há de

se considerar o fértil momento das galerias provocando uma corrida ao mercado pelos artistas. Mas também a conjuntura política, pouco favorável a atividades associativas. Somente é reativada, a Chico, em 1979, quando a ditadura militar começa a esmorecer (...) (KRAWCZYK, 1997 – p 67).

Com a notável exceção de Carlos Scliar, que



Raquel Carvallido doando sua obra em 1973.



Carvallido, "Igreja de Parati", 1972.

sempre foi declaradamente comunista, durante o Estado Novo de Vargas, muitos dos integrantes da Chico, especialmente os que ocupavam cargos de direção, eram simpáticos ao nazi-fascismo. Porém, a partir de meados da década de 1950, a geração que assume a direção da entidade têm posições anti-fascistas e/ou explicitamente de esquerda (KRAWCZYK, 1997). E esse fator pesou decisivamente para o congelamento de suas atividades até 1979.

Merecem destaque, também, os seguintes salões de arte: Salão Cidade de Porto Alegre (1963 a 1974); Salão de Artes Visuais da UFRGS (1970 a 1977) e Salão do Jovem Artista (1972 a 1986).

## As bases e os personagens da formação

O advogado Leandro Telles, um dos mais destacados e ativos defensores do patrimônio histórico-cultural de Porto Alegre nas décadas de



doação da obra de Lazid Thame em 1973.



Thame, "As comadres"- 1968.

1960 e 1970, exercia a função de auditor do TCM – Tribunal de Contas do Município. Funcionário da Prefeitura desde 1951, sempre foi um amante e estudioso das artes plásticas. Quando o TCM foi dissolvido, no início dos anos 1970, Leandro Telles recebeu, do Prefeito Telmo Thompson Flores, convite para fazer um levantamento dos retratos a óleo ou fotos de ex-prefeitos de Porto Alegre e governadores do Rio Grande do Sul, existentes na Prefeitura, para transferi-los ao Salão Nobre do Paço Municipal. Leandro Telles aproveitou a oportunidade para realizar uma tarefa mais ampla: identificar e resgatar toda a antiga Pinacoteca Municipal, cujas obras estavam espalhadas por vários prédios da municipalidade, em péssimas condições de conservação e sujeitas a roubo<sup>3</sup>.

Leandro Telles convenceu Thompson Flores para que fosse criada uma galeria de arte no pavimento térreo do Paço Municipal, com todas as obras da Pinacoteca Municipal expostas na "Prefeitura Velha"; o que, efetivamente, ocorreu em meados de 1971.

A pergunta que se impõe é: porque Thompson Flores, cuja administração ficou marcada pela destruição dos referenciais históricos e de memória da cidade fez esse convite a Leandro Telles, crítico contundente da administração municipal na questão do patrimônio histórico-cultural? A resposta não é simples e envolve várias possibilidades e nuances. Thompson Flores foi amigo de Loureiro da Silva, que era tio de Leandro Telles. Assim, ambos já se conheciam há longa data e as críticas que Leandro Telles tecia à administração municipal naquela época (o que continuou ocorrendo durante todo o mandato do Prefeito, até 1975) nunca abalaram a amizade entre ambos. Considero que, acima desse provável ato de grandeza e amor pela arte, Thompson Flores foi muito hábil – após a extinção do TCM – em manter Leandro Telles ocupado com o que mais gostava e, ainda, trabalhando no mesmo prédio. Isso não impediu a militância e as críticas de Leandro Telles contra a Prefeitura na imprensa, mas provavelmente essas seriam em maior número se o mesmo não estivesse ocupado com a Pinacoteca Municipal... Posteriormente, Thompson Flores fez algo muito parecido com o também amigo Riopardense de Macedo, em 1972, com a organização do arquivo histórico municipal, atualmente Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho.

Além disso, há que se considerar que entre os intelectuais que militavam na causa do patrimônio histórico naquele período, o matiz político-ideológico de Leandro Telles era o que mais se coadunava com a conjuntura política do momento.

Talvez também haja que se considerar uma certa vaidade de Thompson Flores, e, mais provavelmente ainda, o seu desejo de criar uma galeria/museu que proporcionasse a preservação da memória da elite política local, construindo e veiculando suas memórias como se fossem de toda a coletividade (POSSAMAI, 1998; 2002); ao delegar para alguém de confiança e conhecedor do assunto que fosse feita uma galeria aos moldes da antiga Câmara Municipal, com os retratos da elite política local, e onde iriam constar (e estão no acervo atual da Pinacoteca Aldo Locatelli) os retratos do próprio Thompson Flores, do seu amigo Loureiro

<sup>3</sup>O que efetivamente ocorria, pois muitas das obras constantes no último levantamento então conhecido – 1960 – não foram localizadas.

da Silva e, também, do seu bisavô – Conselheiro Luís da Silva Flores –, que foi presidente da Câmara no século XIX.

Sendo assim, há de se considerar que a formação do Acervo, em 1971 – apesar de adaptada, posteriormente, por Leandro Telles, aos novos tempos da modernidade e diversidade conceitual no campo das artes – refletia o ideal de preservação da memória da elite política – que continuava a mesma desde o século XVIII. Sendo Telmo Thompson



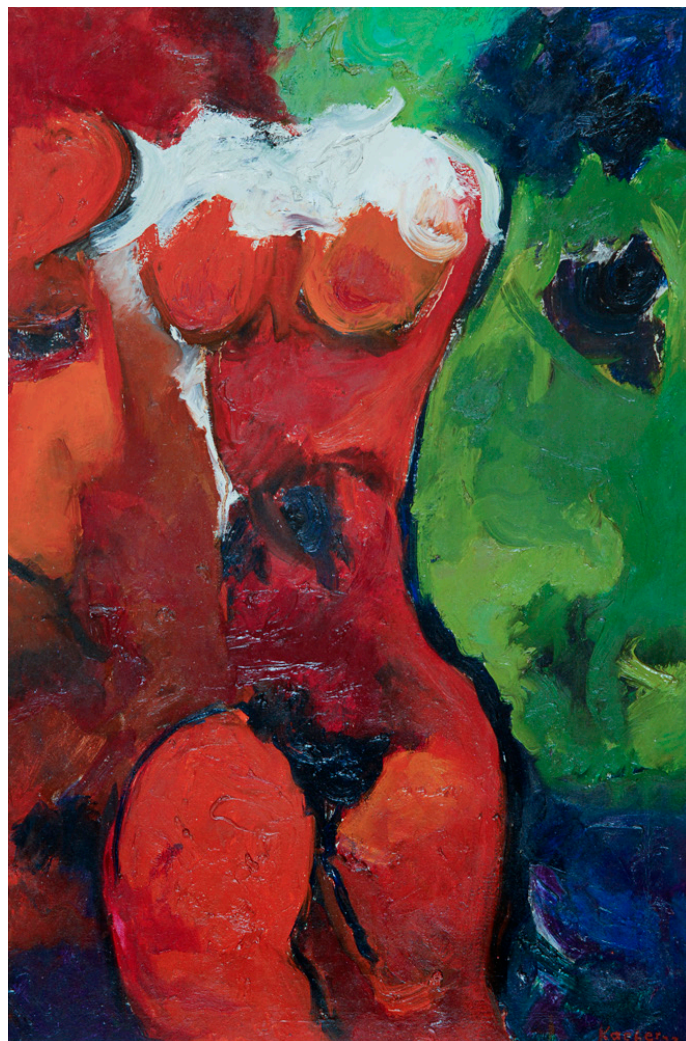
Leandro Telles recebendo a obra "Nú" em 1975.

Flores bisneto de presidente da Câmara no século XIX e Leandro Telles (mais o seu tio Loureiro da Silva), descendentes de Jerônimo de Ornellas<sup>4</sup>.

*Dessa forma, o museu pode ser caracterizado como um espaço de luta material e simbólica em torno da construção e veiculação de memórias, sejam*

*estas individuais ou coletivas. Memória dos pais que morreram, memória de si, memória do imigrante, memória do trabalho, memória da família, memória de um fundador, memória de uma instituição, memória de um grupo econômico (...)* (POSSAMAI, 2002 – p 63).

Neste contexto, merece destaque o fato de Leandro Telles estar presente nas duas comemo-



Kaefer - "Nú" - 1973.

rações do bicentenário da cidade, em 1940 – aos 11 anos, ao lado do tio no Paço Municipal<sup>5</sup> – e em 1972 (elevação a freguesia em 26 de março de 1772), durante a gestão de Thompson Flores.

<sup>4</sup>Jerônimo de Ornelas foi um sesmeiro, pioneiro no povoamento do Rio Grande do Sul, fixando-se na atual Porto Alegre em 1740; Telmo Thompson Flores era bisneto do Conselheiro Luís da Silva Flores, que foi presidente da Câmara Municipal de 1845 a 1852. O presidente da Câmara governava a cidade.

<sup>5</sup>Conforme entrevista de Leandro Telles a Flávio Krawczyk em 17 de abril de 2007, o mesmo esteve ao lado do tio, o prefeito Loureiro da Silva, em algumas ocasiões no Paço Municipal, durante as comemorações do bicentenário de Porto Alegre, em 1940. "(...)Tavam situadas no Salão Nobre, bem naquela porta do meio que dá para a sacada. Cheguei a ver meu tio em 1940 fazendo discurso do Bicentenário. Eu tinha 10 anos. Ia atrás dele ali."



Obra de Techmeier resgatada ao acervo em 1972.

## Leandro Telles

Leandro Silva Telles nasceu em Alegrete/RS, no dia 15 de agosto de 1929. Em 1937 veio com os seus pais e a família se estabeleceu em Porto Alegre. É sobrinho, pela parte materna, do ex-prefeito José Loureiro da Silva, que governou a cidade em duas ocasiões: 1937-1943 e 1960-1963. Estudou no tradicional Colégio Farroupilha e, em 1946, aos 17 anos, na Alemanha, na Universidade de Heidelberg.

Em 1951, já formado em Direito, começa a trabalhar na Prefeitura de Porto Alegre, como auditor do Tribunal de Contas do Município. Em que pese a sua formação como advogado, as suas verdadeiras paixões – e pelas quais dedicou-se por toda a vida – eram a pesquisa histórica, as artes plásticas, a cultura alemã e – onde é mais conhecido – a defesa (militante) do patrimônio histórico



Techmeier, "Retrato Major Alberto Bins" - 1934. da cidade.

Mesmo não sendo artista, sempre foi uma figura conhecida e respeitada no meio das artes plásticas, pela sua paixão, conhecimento e pesquisa nesse campo. Publicou vários trabalhos sobre os campos do patrimônio histórico e cultura alemã<sup>6</sup>.

Participou – de maneira pioneira –, juntamente com outros intelectuais da cidade, durante as décadas de 1960 e 1970, da luta pela preservação do patrimônio histórico de Porto Alegre e também, posteriormente, do Rio Grande do Sul. Foi membro e primeiro presidente da Comissão de Arrolamento dos Bens e Imóveis de valor artístico e cultural da cidade, nos anos 1970, Comissão essa que deu origem ao atual COMPAHC – Conselho Municipal do Patrimônio Artístico, Histórico e Cultural.

Foi diretor das Pinacotecas Municipais – atual Acervo Artístico de Porto Alegre – de 1971 a 1982.

<sup>6</sup>Com destaque para os seguintes trabalhos: - A praça do Portão e o Viaduto Loureiro da Silva. Porto Alegre: Gabinete Municipal de Planejamento e Coordenação – GAPLAN, 1970; Crônicas das ruas de Porto Alegre. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1971; Manual do Patrimônio Histórico. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, Rio Pardo, Prefeitura Municipal, 1977; Breviário Histórico Sentimental da Vila de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Renascença, 1980; Heinz von Ortenberg – Médico do Kaiser e de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul: Ed. Apesc, 1980; Porto Alegre Antigo. Porto Alegre: Ed. Paineis, s/data.

Aposentou-se da Prefeitura em 1983. Entre 1986 e 2004 foi proprietário e trabalhou na Kaleidoscópio Livros e Antiguidades. É membro da Academia Rio-Grandense de Letras<sup>7</sup>.

## Consolidação e crescimento (1971-1974)

Ao lançar, em 1991, o primeiro Catálogo Geral das Pinacotecas Ruben Berta e Aldo Locatelli, a Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre chegava ao final de uma das etapas de recuperação das pinacotecas municipais; num trabalho fundamental, iniciado em 1988, de pesquisa, catalogação, tombamento e restauração das obras do Acervo depositadas no MARGS.

Assim, nas palavras do Secretário Luiz Pilla Vares (na página 7 do catálogo):

*Desde o final do século XIX, a Prefeitura de Porto Alegre inicialmente através da Pinacoteca Municipal (atual Aldo Locatelli), ampliada com a Pinacoteca Ruben Berta, alterna momentos de valorização e de desinteresse pelo acervo das mesmas. O período que compreende o final dos anos 70 até o sétimo ano da década de 80, foi sem dúvida alguma o mais pernicioso para este significativo patrimônio cultural da cidade (...)*

O primeiro Catálogo Geral das Pinacotecas Municipais é portador de duas mensagens: a primeira – explícita e justa – é que devemos a permanência de tal acervo graças ao trabalho iniciado em 1988 pela SMC – Secretaria Municipal da Cultura, que deu origem ao atual Acervo Artístico de Porto Alegre. A segunda, velada e envolta na névoa do esquecimento, numa omissão, involuntária ou não, e que nos leva à noção de conspirações do silêncio, de fatos na sombra (Ferro, 2003), é que das 388 obras constantes no catálogo, 243 (62,6%) foram, comprovadamente, incorporadas ao Acervo no período 1971-1975. Além disso, pelo menos mais 104 obras foram, no mesmo período, recuperadas do extravio e/ou perda. Ou seja, 347 (89,4%) das 388 obras foram reunidas no Acervo entre 1971/1975. Se não considerarmos neste cálculo as

125 obras da Pinacoteca Ruben Berta, veremos que das 263 obras da Pinacoteca Aldo Locatelli constantes no catálogo, 222 (84,4%) – 118 doações mais 104 obras recuperadas pelos prédios da municipalidade – foram incorporados no mesmo período.

Ou seja, o referido catálogo critica o período mais sombrio da história do Acervo (final da década de 1970 até 1987), mas não cita o mais rico (1971/1975), dando a impressão que a recuperação das Pinacotecas Municipais teve seu verdadeiro início apenas a partir de 1988. Na verdade, a forma das coisas que estavam por vir, explicitada no Catálogo Geral de 1991 – e que resultou no atual Acervo Artístico de Porto Alegre – teve sua verdadeira gênese na primeira metade dos anos 1970.

Portanto, é factível concluir que a conformação/identidade básica do atual acervo tem sua verdadeira origem no início dos anos 1970, como veremos a seguir.

## O início da consolidação

O registro documental mais antigo sobre a formação do Acervo Artístico, identificado nesta pesquisa, é um artigo do próprio Leandro Telles no *Correio do Povo* de 4 de abril de 1971<sup>8</sup>, onde o mesmo discorria sobre a incumbência recebida do prefeito Telmo Thompson Flores de proceder a um levantamento dos retratos a óleo ou fotos de ex-prefeitos de Porto Alegre e governadores do Rio Grande do Sul, para transferi-los ao Salão Nobre do Paço Municipal. Nesse artigo, o autor explica que aproveitou a oportunidade para realizar um estudo maior, abrangendo toda a Pinacoteca Municipal, cujas obras de grande valor artístico e monetário estavam espalhadas (sujeitas ao extravio e/ou roubo) pelas diversas secretarias municipais.

O artigo discorre sobre a localização/identificação, nos diversos prédios da municipalidade, de obras de artistas consagrados, tais como: Pedro Weingärtner, Francis Pelichek, Dakir Parreiras, João Fahrion, Oscar Boeira, Luis Maristany de Trias, Carlos Scliar, Glauco Rodrigues etc e que, brevemente seriam reunidas – não mais no Salão Nobre – no térreo do Prédio da Prefeitura (Velha), formando a Pinacoteca Municipal.

Vale a pena rever o início e o final do artigo, conforme segue:

<sup>7</sup>Ocupando a cadeira 10, cujo patrono é Achylles Porto-Alegre.

<sup>8</sup>*Correio do Povo*, 04 de abril de 1971, pp. 78 e 79.



Germain Bazin, conservador-chefe do museu do Louvre, dá a seguinte definição acerca da arte: 'A arte é uma das expressões desse gênio que faz com que o homem seja o único ser da natureza a sentir a paixão de reproduzir, através dos mil aspectos da sua atividade, o gesto do demiurgo e que o condena, ao longo dos séculos, a ultrapassar-se perpetuamente'. Realmente, o homem se completa através da manifestação

(...) Em geral o estado dos quadros é bom, com exceção de poucos que necessitam restauração e mudança da moldura atacada pelo cupim. Esse valioso acervo, graças ao prefeito Telmo Thompson Flores, em breve estará reunido no Paço Municipal. Foi o prefeito que resolveu criar o Museu Administrativo, reunindo a pinacoteca e o precioso arquivo histórico municipal. Isto indica, que a administração municipal, que tanto realiza "materialmente" em prol desta cidade, não se descuida da "formação cultural" dos munícipes. Sim, porque o povo é que será o principal beneficiário desse empreendimento." (TELLES, L. Correio do Povo, 04/4/1971, p.79).

Nesse artigo, temos as premissas básicas da atuação de Leandro Telles nos anos que viriam: de um lado, a visão do intelectual conservador (MICELI, 1979), que defendia que a cultura, o patrimônio histórico-cultural e o gosto estético na arte fosse levado à população através da aceitação das regras do campo cultural "de cima para baixo" (BOURDIEU; DARBEL, 2003) (BOURDIEU, 1992) (GIOVANAZ, 1999; 2002). Com a missão (inicial) de constituir um museu que representasse a memória e identidade da cidade através da aceitação simbólica das memórias individuais e coletivas (POSSAMAI, 1998; 2002) da elite política e intelectual local.

Por outro lado, o texto traz, também, elementos de ruptura com essa visão "de cima para baixo", ao defender que "(...) a arte é dinâmica: vive a criar novas formas (...) para que todos tenham satisfeito o seu gosto artístico, para que cada um, em particular, sinta a sua 'sensação artística', a fim de que a obra de arte seja democrática e transmita a cada ser humano essa alegria íntima (...)." Essa visão de dinamismo da arte e individualidade do gosto artístico, viria a se confirmar nos anos a seguir, com a abertura do acervo a novas formas de arte não figurativa, à tapeçaria, a artistas com opções políticas de esquerda, ao primeiro artista negro, mulheres, estrangeiros e trabalhos com representação da cultura afro-brasileira.

Tais novidades e rupturas com o padrão anterior de aquisição do acervo da Pinacoteca Municipal, revelam a ação do indivíduo frente a sua comunidade social (MEAD, 1972, 1973; BLUMER, 1969).

Quanto à criação do Museu Administrativo, reunindo a Pinacoteca Municipal e o Arquivo Histórico da cidade, a idéia prosperou; com a futura formação do Acervo Artístico (pinacotecas municipais) a partir de 1971 e com o início da organização



Selva Doll da Galeria Guingnard doando em 1973.



Widmann- "Paisage" - 1973.

mente, a buscar novas manifestações artísticas. Sem dúvida, a pintura é a manifestação artística por excelência. Nada se propõe tanto a perpetuar o gênio artístico do homem como a realização pictórica. Na tela o homem extravasa os seus sentimentos, reproduz a sua "alma", o seu mundo interior. (...) (TELLES, L. Correio do Povo, 04/4/1971, p.78).

do arquivo histórico municipal (atualmente Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho), sob a liderança de Riopardense de Macedo<sup>9</sup>.

Portanto, considero importante olhar a conjuntura daquela época - onde ocorriam rápidas e profundas alterações na cidade, com a destruição de locais de referência na memória local, sem



Doação da obra "Magma" em 1973.

discutir a prioridade das obras, seu custo social e o valor das indenizações com a população (GIOVANAZ, 1999; 2002; MONTEIRO, s/data) – evitando uma visão maniqueísta da administração municipal naquele período. Giovanaz (1999; 2002) e, principalmente, Monteiro (s/data) descrevem com precisão a destruição dos referenciais da cidade e o caráter autoritário das reformas urbanas promovidas pela administração Thompson Flores. Isso é inegável e, efetivamente, ocorreu. A preocupação deste trabalho é demonstrar que no governo de Thompson Flores também havia espaço (fruto de pressões ou das afinidades eletivas do prefeito) para a ação individual de personagens como Leandro Telles e Riopardense de Macedo e que, graças ao apoio recebido naquela época, essas ações individuais resultaram no atual Acervo Artístico Municipal (Pinacotecas Aldo Locatelli e Ruben Berta) e no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

As grandes inovações e realizações costumam ser resultado da conexão pessoal do indivíduo com um determinado problema. As melhores idéias e realizações surgem justamente da paixão individual e da conseqüente busca de soluções,

através do trabalho e dedicação, que possam modificar uma determinada realidade (MEAD, 1972, 1973, 1980; BLUMER, 1969). Essa paixão individual explica o domínio de ambos – Leandro Telles e Riopardense de Macedo – nos seus respectivos campos de conhecimento: o advogado Leandro Telles nas artes plásticas e o engenheiro mecânico



Molina, "Magma" - 1973

e urbanista Riopardense de Macedo na pesquisa histórica.

Mesmo como outsiders, ambos eram muito respeitados nos seus respectivos campos de atuação, sendo que a figura de Riopardense de Macedo é conhecida como um modelo a ser seguido, um role model<sup>10</sup>, no campo da historiografia da cidade, em grande medida pelo seu trabalho frente ao Arquivo Histórico Municipal e, talvez em menor medida, pelo seu posicionamento político de esquerda; o que não vem a ser o caso de Leandro Telles, cujos registros do seu trabalho ainda não foram estudados e, também, talvez as suas simpatias político-ideológicas possam ter contribuído para o seu relativo esquecimento – como na edição do Catálogo Geral das Pinacotecas Ruben Berta

<sup>9</sup>Francisco Riopardense de Macedo (1921-2007) foi um abnegado na defesa do patrimônio cultural e na valorização da memória da cidade. Engenheiro mecânico e urbanista de formação, atuou também como jornalista, arquivista e historiador. Foi o primeiro diretor do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, a partir de 1972, na gestão de Telmo Thompson Flores.

<sup>10</sup>Role model: termo usado pela primeira vez pelo sociólogo norte-americano Robert K. Merton, serve para designar uma pessoa que é um exemplo, um modelo a ser seguido no seu campo de atuação frente aos mais jovens e/ou aspirantes à mesma carreira; por exemplo, Bill Gates no campo de TI – Tecnologia da Informação, ou Ayrton Senna no automobilismo etc.

e Aldo Locatelli, em 1991 – numa omissão, involuntária ou não, que nos remete à noção de conspirações do silêncio, de fatos na sombra (Ferro, 2003)<sup>11</sup>.



Bernhardt, "Pintura II", 1972.

## Crescimento

Conforme a documentação pesquisada, é possível afirmar que, no final de maio de 1971<sup>12</sup> a Pinacoteca Municipal já estava exposta nos ambientes e corredores do Paço Municipal, acompanhada, muito provavelmente de peças do acervo da Pinacoteca Ruben Berta, cuja doação dos Diários e Emissoras Associados à Prefeitura se deu, em cerimônia oficial, no dia 10 de novembro daquele ano (ver Anexos 1 e 2), com a relação completa das 125 obras que a integravam constando na Lei 3.558, de 10/11/1971, assinada pelo Prefeito Telmo Thompson Flores.

Pela documentação disponível, pode-se afirmar que o ano de 1971 foi inteiramente dedicado à recuperação (e restauração quando era o caso) das obras da Pinacoteca Municipal, pelos órgãos e prédios da municipalidade, e sua consequente exposição no Paço Municipal. Também pode-se depreender, pela entrevista de Leandro Telles<sup>13</sup> e



Doação da obra de Bernhardt em 1973.

depoimento de Guilherme Santa Helena<sup>14</sup>, que a doação da Pinacoteca Ruben Berta se deu por iniciativa de Leandro Telles junto à Direção dos Diários e Emissoras Associados e concordância de Thompson Flores com a ideia<sup>15</sup>.

Associando o respeito intelectual que sua figura projetava com "carta branca" e acesso direto ao Prefeito em tempos de exceção política, a retirada das obras das diversas repartições raramente encontrava oposição, e mesmo quando encontrou, isso não impediu que as mesmas fossem transferidas para o Paço. Leandro Telles executava todas as atividades da Pinacoteca sozinho, tendo apenas uma secretária para ajudá-lo na catalogação e documentação do acervo. Assim, saía para a rua e botava a "mão-na-massa", conforme ilustra a seguinte passagem sobre a doação da Pinacoteca Ruben Berta:

<sup>11</sup>FERRO, Marc. J. Os Tabus da História. A face oculta de acontecimentos que mudaram o mundo. Rio de Janeiro, Ediouro, 2003. Neste livro o autor investiga por que, mesmo sem censura, a história omite muitas verdades, com os historiadores se deixando levar em conspirações de silêncio sem ser alvos de censura nem instrumentos de interesses poderosos. Para o autor, muitos aspectos da história são mantidos na obscuridade devido a força do tabu, o silêncio por pudor ou por medo da verdade que possa vir a macular determinadas convicções políticas, históricas e/ou sociais.

<sup>12</sup>Correio do Povo, 25 de maio de 1971, página não legível.

<sup>13</sup>Apud Entrevista de Leandro Telles a Flávio Krawczyk em 17 de abril de 2007.

<sup>14</sup>Depoimento de Guilherme Santa Helena em 06 de novembro de 2013. Guilherme Santa Helena foi assessor direto do Gabinete de Telmo Thompson Flores, de quem era amigo pessoal, desde o início do mandato. Continuou na mesma função, após encerrado o mandato de Thompson Flores, de maneira ininterrupta, durante os governos de Guilherme Socias Villela, João Antônio Dib e em parte do mandato de Alceu Collares.

<sup>15</sup>Conforme Guilherme Santa Helena, Telmo Thompson Flores gostava de artes plásticas, tendo sido, inclusive, amigo do pintor italiano – radicado em Porto Alegre desde 1950 e falecido em 1962 – Aldo Locatelli.

Leandro Telles: Eu fui num caminhão e os caras queriam almoçar. Me deu uma raiva... 'Está na hora do almoço e a gente não pode levar'. Começou a chover, rapaz, e eu arrumei um caminhão (...)

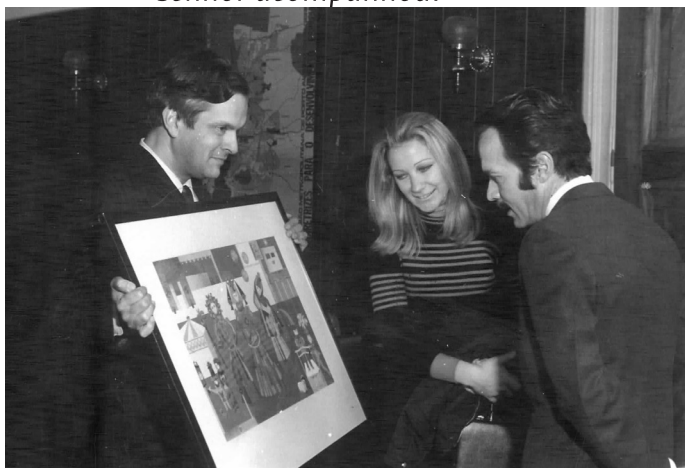
Entrevistador: Tudo em uma viagem só?

Leandro Telles: Acho que em duas viagens... não me lembro. Tava lá em cima na TV.

Entrevistador: No morro Santa Tereza. A sede. O prédio existe ainda? É o mesmo prédio atual? (...)

Leandro Telles: Eu não sei te dizer... só sei que estava lá em cima.

Entrevistador: Essa doação na época o senhor acompanhou?



Doação da artista Luchi Szerman em 1973.



Szerman, "Camino a la cathedral" - 1972.

Leandro Telles: Sim.

Entrevistador: E porque o Diários doou para a Prefeitura?

Leandro Telles: Sinceramente eu não sei... Não tinham competência pra tomar conta.

Entrevistador: Eles já estavam em uma

situação ruim... Já estavam em decadência.

Leandro Telles: Tu vê, aquilo foi tudo o Chateaubriand que conseguiu. O retrato do Rodolfo Jozetti do...

Entrevistador: Portinari... Tá lá. Em perfeitas condições. Está ótima."

Leandro Telles: Aquele do navio, mais antigo.

Entrevistador: "Rejalma. Toda essa coleção continua. O Rejalma está exposto no MARGS."

Leandro Telles: "Aquele é o mais valioso, o mais antigo. (...)" (entrevista de Leandro Telles a Flávio Krawczyk, 17/4/2007)

A partir de 1972, a Pinacoteca Municipal começa a aumentar e diversificar o seu acervo através de doações. Conhecedor e freqüentador de galerias e exposições de arte e seus curadores, Leandro Telles ia a campo em busca de novas aquisições para a Pinacoteca:

Entrevistador: "E como funcionava Leandro, na época, doações, como é que fazia..."

Leandro Telles: "Entrava em contato com os caras. Dizia: Se tu quer ser promovido, vai na imprensa... Doa um quadro pra Prefeitura que tu vai ser bem promovido, sai em todos os jornais. Aí os caras doavam..."

Entrevistador: "Um belo recorte dos anos 70... E os uruguaios? Isso é uma dúvida, porque tem ali uma dúzia de uruguaios na Aldo Locatelli."

Leandro Telles: "Tinha uma... eles faziam exposição no Plaza São Rafael. A Selma Mallmann era a curadora ali da galeria que funcionava. Eu ia lá, porque me dava bem com ela. Eu dizia: escuta... O cara também ganha propaganda. Propaganda é a imprensa."

Entrevistador: "E como tu conseguia com a imprensa esse espaço? Pelo teu reconhecimento já..."

Leandro Telles: "Eu pedia e eles vinham. Eles queriam colaborar também."

Entrevistador: "A imprensa era até bem qualificada na época. Hoje em dia já

não é muito.”

Leandro Telles: “Mas eles faziam questão. Correio do Povo, Diário de Notícias, Folha da Tarde... todo mundo colaborava. (...)” (entrevista de Leandro Telles a Flávio Krawczyk, 17/4/2007)

O ano de 1972, pela documentação pesquisada, marca o início das doações de colecionadores, artistas e galerias para a Pinacoteca Municipal. Os registros das doações abarcam o período de abril a dezembro. A divulgação na imprensa era ampla, através dos jornais Correio do Povo, Diário de Notícias, Folha da Tarde, Jornal do Comércio e, em menor medida, Zero Hora, Jornal da Semana e Folha da Manhã.

A doação da obra e sua divulgação se dava, em linhas gerais, da seguinte forma: após acertada a doação com o artista/proprietário, o mesmo levava a obra até o Paço Municipal (no Salão Nobre ou no Gabinete do Prefeito), onde, na presença do próprio Leandro Telles, acompanhado do Prefeito Telmo Thompson Flores e do Chefe de Gabinete do Prefeito (Américo Magadan, na época) e/ou do Secretário de Educação e Cultura (Frederico Lamachia, que permaneceu no cargo até o fim da administração Thompson Flores) efetivava a doação. A doação era registrada através de fotografia pelo Gabinete de Imprensa da Prefeitura. Após a efetivação da doação, Leandro Telles redigia um release junto ao registro fotográfico e encaminhava para os órgãos de imprensa. Todos publicavam. Geralmente com espaços generosos e foto a notícia da doação para a Pinacoteca Municipal, muitas vezes nomeada, equivocadamente, como Pinacoteca Ruben Berta - essa confusão iria perdurar pelos anos seguintes, sendo, provavelmente, um dos motivos que levaram a Pinacoteca Municipal a ser renomeada, em 1974, como Pinacoteca Aldo Locatelli. Outro equívoco/confusão na imprensa (ao longo de todo o período pesquisado) era como Leandro Telles era identificado: geralmente como Diretor, Curador, Professor, Pesquisador, Historiador. Algumas vezes como Auditor e, raramente, como Advogado, que era a sua real formação acadêmica.

Deve-se ressaltar que, pela sua expressão nas fotos<sup>16</sup>, o sorriso de Thompson Flores ia além

da obrigação protocolar. Suas expressões faciais e gestos corporais denotavam que o mesmo gostava de artes plásticas e/ou apoiava decisivamente o crescimento da Pinacoteca Municipal.

Merecem destaque, entre as doações de 1972, as seguintes obras e artistas:

- 03/3/1972: o Prefeito Telmo Thompson Flores doa, à Pinacoteca Municipal, a obra “Simão, o Sirineu ou Estudo para Apóstolo”, do pintor italiano Aldo Locatelli;

- 05/4/1972: doação das telas “Ponte de Pedra” e “Santo Guerreiro”, de J. Altair, provavelmente o primeiro artista negro da Pinacoteca Municipal; sendo a obra “Santo Guerreiro” a primeira a tratar da representatividade e religiosidade afro-brasileira na Pinacoteca<sup>17</sup>;

- 14/9/1972: doação da tela “A Catedral de Salamanca”, do pintor uruguaio Iris Caorsi, através da Galeria Oca-Morganti (que ficava na Av. Cristóvão Colombo, 167);

- 22/9/1972: doação da obra “O Gaúcho”, do pintor uruguaio Vicente Martin, um dos maiores artistas plásticos do Uruguai na época;

- 06/11/1972: doação da obra “Thume”, do peruano Higinio Perea Pascual, durante exposição filatélica na Pinacoteca;

- 1º/12/1972: doação da tela “Vieja Casa en Maldonado”, pelo pintor uruguaio Jorge Paez Vilaró.

O ano de 1973 é marcado pela aceleração no número de doações, prováveis 27 novas obras contra prováveis 14 no ano anterior. A cobertura na imprensa foi ampliada, com aumento dos espaços nos jornais.

O “modus-operandi” da doação e divulgação se manteve igual ao do ano anterior - e continuaria igual nos anos seguintes -, quase sempre no Salão Nobre ou Gabinete do Prefeito e com a presença, além do próprio Leandro Telles, de Telmo Thompson Flores e/ou Frederico Lamachia.

Merecem destaque, entre as doações de 1973, as seguintes obras e artistas:

- 11/5/1973: doação de um tapete do artista chileno Kennedy Bahia, radicado há muitos anos em Salvador/BA;

- 17/5/1973: doação da tela “Igreja de Parati”, da pintora uruguaia Raquel Carvallido;

<sup>16</sup>Corroborado pelo depoimento de Guilherme Santa Helena.

<sup>17</sup>Registre-se, inclusive, que J. Altair era militante do movimento negro, participante do Grupo Palmares de Porto Alegre, sob a liderança de Oliveira Silveira. Cf. SILVEIRA, Oliveira. Vinte de Novembro: História e Conteúdo. Porto Alegre: Câmara Municipal de Porto Alegre, 2003, p.13. Ver também: entrevista de J. Altair a Flávio Krawczyk em 16 de novembro de 2005, conforme segue: “(...) o Leandro Telles gostou do meu trabalho, uma exposição, me fez o convite, me apresentou pro prefeito ...o Thompson Flores era um cara muito acessível sabe (...) Aí, o Leandro é que me sugeriu, me disse assim ‘tem alguma coisa para doar pra Prefeitura aí? Aí eu me entusiasmei por que eles me proporcionaram muito negócio né (...) Mas eu tive um bom período quando o Thompson era o prefeito sabe, um bom período...”

- 04/6/1973: doação da tela "Pintura II", de Plínio Cesar Bernhardt;
- 09/7/1973: doação do quadro "Pintura", de Carlos Carrion de Britto Velho;
- 16/7/1973: doação da tela "Magma", de Renato Souza Molina, funcionário da Prefeitura, inaugurando - num projeto que não avançou - a "Seção de Pinturas para Funcionários Municipais";
- 06/8/1973: doação da obra "Camino a la Catedral", da artista argentina Luchi Szerman, que estava expondo, na ocasião, na Galeria Oca Morganti;
- 13/8/1973: doação da tela "Rancho" do artista uruguaio Rafael Ruano Figari;
- 1º/10/1973: doação da tela "Paisage", do pintor uruguaio Bruno Wiedmann;
- 15/10/1973: doação do quadro "Suvian", do pintor argentino Tomas Abal;
- 29/10/1973: doação, pelo professor Fernando Corona, da aquarela "Fonte de Talavera", de Juan Ruiz de Luna. Essa obra estava em poder do professor Corona desde 1935, na ocasião em que a comunidade espanhola de Porto Alegre doou a Fonte Talavera para a municipalidade, por ocasião do centenário do início da Revolução Farroupilha;
- 12/11/1973: doação, pelo funcionário municipal Ronan Schardong, da Divisão de Conservação da SMOV, do quadro da Exposição Estadual Industrial e Comercial de 1901. O quadro foi achado pelo funcionário dentro de uma casa prestes a ser demolida na Rua Avai;
- 03/12/1973: doação da obra "Garrafas", de Minor Tomita, que estava expondo no MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul. A doação foi realizada, em nome do MARGS, pelo artista plástico Plínio Bernhardt.

Em 1974 o número de doações se manteve elevado, sendo o único período (conforme os documentos pesquisados) em que há registros de doações em todos os meses do ano. A cobertura na imprensa continua muito boa e os elogios ao trabalho de formação do Acervo começam a surgir, citando as Pinacotecas como um dos mais importantes acervos do Sul do Brasil.

São os seguintes os destaques no ano:

- 05/02/1974: doação da obra "Galo Cósmico", do pintor catarinense Ernesto Meyer Filho;
- 15/02/1974: visita do Senador Guido Mondim e do pintor Ernesto Frederico Scheffel (radicado em Florença, Itália);
- 04/3/1974: doação da xilogravura "Paço dos Açorianos", de João Faria Viana (fundador da Chico Lisboa);
- 18/3/1974: doação das obras "Tempestade",

de autor desconhecido (provavelmente uma marinha holandesa do século XIX), "Mulher em Repouso", xilogravura de Zorávia Bettiol e "Natureza Morta", óleo de João Medeiros, pela Dra. Maria do Carmo Landell de Moura;

- 20/5/1974: doação da obra "Praça da matriz em 1800", de José de Francesco, por Alberto André, presidente da ARI - Associação Riograndense de Imprensa (a obra fazia parte do acervo do ARI);

- 10/6/1974: doação da litografia "Homenagem a Porto Alegre", do artista polonês Tadeusz Lapinski, pelo desembargador José Danton de Oliveira, ex-Secretário do Interior e Justiça;



Doação do Instituto Cultural Brasileiro-Alemão.

- 19/6/1974: doação de quatro obras de artistas uruguaios pelo arquiteto Juan Carlos Paladino, Diretor da Galeria Contemporânea de Montevidéu:

"Calle Carlos Gardel", de Sergio Curto; "Paisaje del Rio", de Sergio Curto Ochoa; "Tocado", de Raul Cattelani e uma serigrafia de Raul Pavlotzky;

- 22/7/1974: doação da tela "Dedão - Pedras Milenares da Serraria", pelo pintor tcheco (radicado em Porto Alegre desde 1956) Rodolfo Marik;

- 27/8/1974: doação da tela "Marinha", pelo pintor Vittorio Cheno;

- 05/9/1974: doação, pela SMOV, da maque-

te do Monumento aos Açorianos (inaugurado em 26/3/1974), de Carlos Tenius;

- 23/9/1974: doação de obra de Maria Tomazelli Cirne Lima;

- 07/10/1974: doação da tela "Retrato da Sra. Celita Souto Amaral", pelo pintor Joel Amaral<sup>18</sup>;

- 15/10/1974: doação da obra "Despertar", pela artista Vera Chaves Barcellos;

- 05/11/1974: doação da tela "Signo: Taurus", pelo pintor (Senador) Guido Mondim;

- 07/11/1974: dentro das comemorações da XV semana de Porto Alegre, em solenidade no Salão Nobre da Prefeitura, a Pinacoteca Municipal



Confaloni, "A cabeça" - 1957.

passa a se chamar, oficialmente, Pinacoteca Aldo Locatelli. Na mesma ocasião, são inaugurados três painéis gigantes – encomendados junto ao artista plástico Carlos Scliar – com representações da

cidade<sup>19</sup>.

- 18/11/1974: doação da obra "Casario", do artista uruguaio Jonio Montiel;

- 25/11/1974: doação da obra "Capoeira", pelo artista Nelson Jungbluth;

- 15/12/1974: doação da tela "Paisagem Invernal", pelo pintor Dimitris Anagnostopoulos.

Foi Leandro Telles quem teve a idéia de renomear a Pinacoteca Municipal como Pinacoteca Aldo Locatelli<sup>20</sup>, em homenagem ao grande artista ítalo-brasileiro falecido em 1962. A(s) razão(ões) que levaram a essa homenagem pode(m) ser a(s) seguinte(s): a) reconhecimento ao talento e ao trabalho do artista; b) evitar que a imprensa continuasse confundindo a Pinacoteca Municipal com a Pinacoteca Ruben Berta; c) homenagear o amigo do Prefeito, que havia doado – em março de 1972 – a obra "Simão, o Sirineu ou Estudo para Apóstolo", de autoria de Aldo Locatelli<sup>21</sup>.

O trabalho desenvolvido por Leandro Telles à frente das Pinacotecas Municipais no período 1971-1974, revela um indivíduo de formação conservadora que acreditava "estar levando a arte ao povo" (GIOVANAZ, 1999; 2002), e dedicado à preservação da memória de seu grupo social (POS-SAMAI, 1998; 2002). Entretanto, a diversificação do acervo e a incorporação ao mesmo de temáticas emergentes (cultura afro-brasileira), a entrada do primeiro artista negro, de mulheres artistas, de artistas estrangeiros etc, comprova que é possível que o sujeito tenha, concomitantemente, duas formas opostas de conduta. Há um jogo constante de interações e modificações provocadas em ambos os pólos das interações eu-mim, e indivíduo e comunidade (MEAD, 1972, 1973).

Essa dualidade, com a prevalência do eu no confronto com o mim, fica particularmente evidente quando da inauguração – em plena ditadura militar – dos três painéis em homenagem à cidade, do artista Carlos Scliar (que era, declaradamente, comunista), em solenidade oficial no Salão Nobre do Paço Municipal, durante as festividades da XV Semana de Porto Alegre.

<sup>18</sup>Joel Amaral, na ocasião autor dos retratos de todos os reitores da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, expostos na Sala do Conselho Universitário; dos presidentes da ARI – Associação Rio-grandense de Imprensa; dos presidentes do Jockey Club de Porto Alegre e dos presidentes do Sport Club Internacional (não custa lembrar que Thompson Flores era torcedor do Internacional e participou do projeto de construção do Estádio da Beira-Rio, inaugurado em abril de 1969...).

<sup>19</sup>Os três painéis são: A Formação da Cidade; Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes; Porto Alegre Atual e uma Projeção para o Futuro.

<sup>20</sup>Cf. SIMON, Cirio. Uma Pinacoteca como deve ser. Publicado em 18/12/2012 em <http://profciriosimon.blogspot.com.br>. Acesso em 03 de novembro de 2013.

<sup>21</sup>A obra, de propriedade do Prefeito Telmo Thompson Flores, havia sido presenteada ao mesmo pela viúva do artista, Dona Mercedes Locatelli (Zero Hora, 04/03/1972, página não legível; Folha da Tarde, 06/03/1972, página não legível). A título de curiosidade, registre-se que, até o final de 2011, esse foi o único trabalho de Aldo Locatelli presente no Acervo Artístico da Prefeitura.

O 'eu' é a reação do indivíduo à atitude da comunidade, tal como tal atitude aparece em sua consciência" (1973, p.221) "(...) o organismo individual adota as atitudes organizadas dos outros provocadas por sua atitude, e ao reagir a essa reação provoca outras atitudes organizadas nos outros da comunidade a qual pertence o indivíduo. (MEAD, 1973, p.213)

Dessa maneira, um indivíduo pode agir de maneiras opostas, ora de acordo com o seu grupo social, outras vezes em oposição e/ou convencimento junto aos seus pares.

Este reconhecimento do indivíduo como pessoa, no processo de utilizar sua consciência de si, é o que proporciona a atitude de afirmação de si ou a atitude de dedicação à comunidade. (MEAD, 1973, p.219)

No caso de Leandro Telles, a paixão pela arte era a mola propulsora para que assumisse uma posição de convencimento junto à sua comunidade social.

## O lento declínio (1975-1982)

O ano de 1975 marca o ponto de inflexão nas atividades das Pinacotecas Municipais. Pode-se considerar que o dia 08 de abril daquele ano - data em que Guilherme Socias Villela substituiu Telmo Thompson Flores na chefia do Executivo Municipal - marca o fim da ascensão e o início de uma curva descendente para as pinacotecas. As pinacotecas começaram a perder, paulatinamente, os espaços reservados às obras de arte para órgãos da Administração Municipal, notadamente o MAPA - Movimento Assistencial de Porto Alegre, comandado pela nova primeira-dama. Mas, àquela altura, o trabalho de recuperação e crescimento (quantitativo e qualitativo) das Pinacotecas Municipais já era reconhecido, como ilustra a passagem abaixo:

Faz pouco tempo, ao fazermos uma retrospectiva do ano que passou, comentávamos aqui o trabalho desenvolvido pelo Professor Leandro Telles

frente à Pinacoteca Municipal. Interessado, zeloso e extremamente dedicado a seu trabalho, tem reunido na Prefeitura excelente acervo com alguns dos melhores nomes das artes plásticas nacionais." (CONILL, Eduardo. Diário de Notícias, 19/02/1975, p.8).

Esse é um bom resumo da atuação de Leandro Telles à frente das Pinacotecas entre 1971 e 1974. Apesar de não ser artista ou atuar profissionalmente no mundo das artes, estava longe de ser um intelectual diletante. Na realidade, Leandro Telles era um intelectual totalmente dedicado ao Acervo Artístico da Prefeitura, sem nunca ter deixado de lado, também, a atuação militante na causa do Patrimônio Histórico da cidade. Concomitantemente à sua atuação nas pinacotecas, presidiu e atuou - durante toda a década de 1970 - na Comissão do Patrimônio Histórico, implementada em 11.12.1970, na qual ficou estipulado que o governo municipal faria um levantamento dos bens de valor histórico e cultural para a cidade.

A iniciativa fica restrita a discussões internas até o ano de 1976, quando o então prefeito Guilherme Socias Villela institui e regulamenta o Conselho Municipal do Patrimônio Artístico, Histórico e Cultural através das leis 4139 e 5645. A partir desse momento, considerado data fundadora do órgão chamado COMPAHC, este passa a contar como setor municipal encarregado de sugerir e dar pareceres em todos os assuntos relacionados com o patrimônio histórico municipal. (GIOVANAZ, 2002, p. 12)

No ano de 1975 são registradas as últimas doações para a Pinacoteca Aldo Locatelli, em número bem menor do que nos anos anteriores, com os seguintes destaques:

- 28/01/1975: doação das obras "Programa Dois" e "Programa Cinco", de Günter Weimer;
- 17/4/1975: doação da obra "Casas de Parati", do artista alemão Frank Schaeffer, por Werner von Beyme, Cônsul Geral da República Federal da Alemanha;
- 22/5/1975: doação, pelo Instituto Cultural Brasileiro-Alemão, do quadro "A Cabeça", de Frei Nazareno Confaloni;
- 24/8/1975: doação da tela "Frutas", pelo pintor argentino Raul Torres Rojas; sendo esta a



última obra a entrar para o acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli na gestão de Leandro Telles.

Nenhum dos atos de doação, a partir de abril daquele ano, contou com a presença do novo Prefeito Municipal.

Em 25 de agosto é realizado um levantamento do acervo das duas pinacotecas, com os seguintes números:

- Acervo da Pinacoteca Ruben Berta
- 125 obras
- Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli (na sede)
- 170 obras
- Acervo da Pinacoteca Aldo Locatelli (em outras dependências) – 52 obras
- Total da Aldo Locatelli
- 222 obras
- Total das duas Pinacotecas
- 347 obras

A perda de espaço das pinacotecas no interior do Paço Municipal é flagrada pela imprensa, como, por exemplo, nesta nota publicada no *Correio do Povo* em 15 de agosto de 1975:

#### QUEM TEVE A INFELIZ IDÉIA?

Um acaso permitiu à reportagem do 'Correio do Povo' observar que funcionários das lojas Morganti tiravam medidas, esta semana, das salas pertencentes à Pinacoteca Ruben Berta. Indagados sobre os motivos, descobriu-se que alguém sugerira a transferência do MAPA (Movimento Assistencial de Porto Alegre) para o referido local, sem a retirada, porém, do acervo, ou sem indicação de novo local para o mesmo. A senhora Maria Ignez Villela, presidente do MAPA, quando indagada, deixou claro que a iniciativa não fora sua, nem teria ela qualquer interesse nesta mudança. Pergunta-se, de quem é e quem lucrará com a infeliz idéia. Na foto, um aspecto parcial da maior pinacoteca sulina. (*Correio do Povo*, 15/8/1975)

Em janeiro de 1976 as Pinacotecas foram fechadas, para reformas no prédio da Prefeitura que se estenderam até o mês de abril de 1979, fato lamentado e criticado por Leandro Telles através da imprensa.

(...) A Pinacoteca tinha uma visitação de cerca de 100 pessoas diariamente, todo o seu acervo se achava exposto e era admirada por centenas de colegas

(ver Anexo 16), por nós convidados nos respectivos colégios pela parte da manhã. A visitação dos colégios tinha a nossa explicação detalhada dos quadros expostos. A Pinacoteca era o verdadeiro cartão de visitas da Prefeitura: embaixadores, turistas, cónsules, ministros, personalidades de todos os Estados brasileiros a visitavam, inclusive altas patentes militares, como o general Borges Fortes. A intenção de Telmo Thompson Flores era transformar o Paço Municipal numa verdadeira casa da cultura; inclusive a sala onde hoje se encontra o Protocolo geral seria destinada a exposições de artistas. Devemos ainda acrescentar, que tudo isso foi realizado praticamente por nós, pois os funcionários da Pinacoteca se reduzem a dois: o curador e uma datilógrafa para serviços administrativos.

Infelizmente, em janeiro de 1976 a pinacoteca foi fechada para reformas indispensáveis no velho prédio da Prefeitura, reformas que deveriam durar 7 meses e agora, tão somente agora, estão prestes a findar. As obras não estão atiradas no porão da Prefeitura, como a má fé de poucos procura insinuar, mas guardadas devidamente em sala própria para serem instaladas tão logo estejam prontas as salas.(...) Nada temos contra o Museu de Arte do Rio Grande do Sul: reconhecemos os seus esforços com uma equipe de quase quarenta funcionários, segundo nos consta. Mas querer reunir as Pinacotecas do Município ao acervo do MARGS seria um erro crasso (...). (TELLES, Leandro. *Pinacoteca Municipal*. *Correio do Povo*, 02/9/1978, p.12)

Além de criticar o demasiado tempo de fechamento das Pinacotecas, Leandro Telles criticava a perda progressiva e permanente dos espaços expositivos; além de se posicionar veementemente contra às tratativas (já em curso entre a Prefeitura de Porto Alegre e o Governo do Estado) de transferência do acervo para o MARGS. Em novembro de 1978, em artigo intitulado "Pinacoteca versus Portaria", o mesmo já não escondia o seu descontentamento e amargura com o que vinha acontecendo:

(...) Quando foram tiradas três salas à Pinacoteca para instalação do MAPA, não protestamos por julgarmos que, apesar do espaço retirado à cultura, a assistência social também era uma necessidade. Não costumamos fazer 'focofocas de bastidores' e nossa ação em defesa do patrimônio cultural da nossa terra sempre se caracterizou pela franqueza de opiniões. Nisso sempre segui o exemplo de meu saudoso tio, José Loureiro da Silva, a quem tanto esta cidade deve.

Agora, que as Pinacotecas estão pres-tes a serem reabertas, após as con-clusões das obras no Paço Municipal, pretende-se retirar um espaço às mes-mas em favor da Portaria... Não cos-tumamos fazer 'tempestade em copo de água': um episódio que, à primeira vista, parece insignificante, contudo, se concretizado, mostrará à sociedade que a cultura entre nós, realmente não tem vez, que uma simples portaria é capaz de ser mais valorizada do que a expressão cultural de uma coleção de arte(...).(TELLES, Leandro. Pinacote-ca versus Portaria. Correio do Povo, 07/11/1978, p.9)

As Pinacotecas foram reabertas ao público em abril de 1979, agora ocupando somente uma das salas do térreo da Prefeitura; e o afluxo de público jamais readquiriu o volume dos anos anteriores à reforma do prédio<sup>22</sup>. Apesar dos esforços de Leandro Telles, o apoio da administração municipal era pequeno. No final de 1982, Leandro Telles se retira da Instituição e o acervo das duas pinacotecas é depositado no MARGS (ver Anexos 17 e 18), onde permaneceria esquecido até 1988.

Entrevistador: (...) E aquele espaço que ficou do lado direito ali no pavimento térreo do Paço Municipal foi na sua época que foi construído então, como espaço de exposições?

Leandro Telles: Foi, foi. Até acho que eram dos dois lados, se não me falha a memória. Eu ficava até daquele lado...

Entrevistador: O lado que dá para o Mercado Público...

Leandro Telles: "Não, do outro."

Entrevistador: O lado que dá para a rua Uruguai?

Leandro Telles: Que dá para a Uruguai, aquele ali.

Entrevistador: Então ocupava os dois lados né?

Leandro Telles: Os dois lados. E depois o Villela chegou, e começaram a achar que estava precisando e não precisava. Mandaram a Pinacoteca para o MARGS, para não se incomodarem.

Entrevistador: Aí já era uma época que o senhor não estava mais ali ou não?

Leandro Telles: Não, aí eu já não estava mais, já estava aposentado. (...) Aí começaram a dizer que a Pinacoteca ia (...) se unir com o MARGS. Houve um movimento para unir com o MARGS. Então me criticaram dizendo que [não foi] era por causa de um funcionário, mas eu não queria que fosse mesmo.

Eu acho o seguinte, que não adiantava unir porque ele [o acervo das Pinacotecas] ia passar despercebido (...)

Entrevistador: E na verdade se a municipalidade desde o século XIX [XVIII] começou a adquirir obras, tem algum sentido histórico. Um sentido histórico que a gente tem que manter de alguma forma, né? (...) (entrevista de Leandro Telles a Flávio Krawczyk, 17/4/2007)

A partir de 1989, com o surgimento da Secretaria Municipal da Cultura – SMC, desmembrada da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, tiveram início, durante os Governos da "Administração Popular", a recuperação, restauro, pesquisa catalográfica, tombamento, lançamento do primeiro catálogo geral do acervo e mostras curatoriais das obras – ainda no MARGS, num processo que culminou com a volta deste precioso acervo ao Paço Municipal em 2008.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os dados levantados neste artigo apontam para a confirmação da hipótese central: sem Leandro Telles não teríamos hoje a existência

<sup>22</sup>Folha da Tarde, 05 de junho de 1979. p.16; e 22 de outubro de 1979. p.31.

da instituição "Acervo Artístico (da Prefeitura) de Porto Alegre", embora considere provável que a Pinacoteca Ruben Berta continuasse a existir, sob a guarda de outra instituição (pública ou privada).

Quanto à hipótese secundária, de que a formação de tal acervo artístico está inserida dentro do movimento de preservação patrimonial/cultural em Porto Alegre, iniciado por vários intelectuais a partir dos anos 1960, considero-a totalmente confirmada, acrescentando nesse ponto, também, o Arquivo Histórico Municipal Moysés Vellinho, surgido na mesma conjuntura devido à persistência de Riopardense de Macedo.

Espero ter sido capaz, também, de demonstrar como se deu a recuperação e o resgate das obras de arte espalhadas pelos vários órgãos da administração municipal; como se deu o processo de ampliação e diversificação do acervo; quais as providências institucionais que tornaram possível a perenidade das coleções; como se dava a relação com artistas, autoridades, público e imprensa; e, principalmente, que entre o grupo de intelectuais daquele período (início dos anos 1970), a figura de Leandro Telles era a única que – de acordo com a conjuntura político-social na época – reunia as condições que possibilitaram a formação e perenidade do Acervo Artístico.

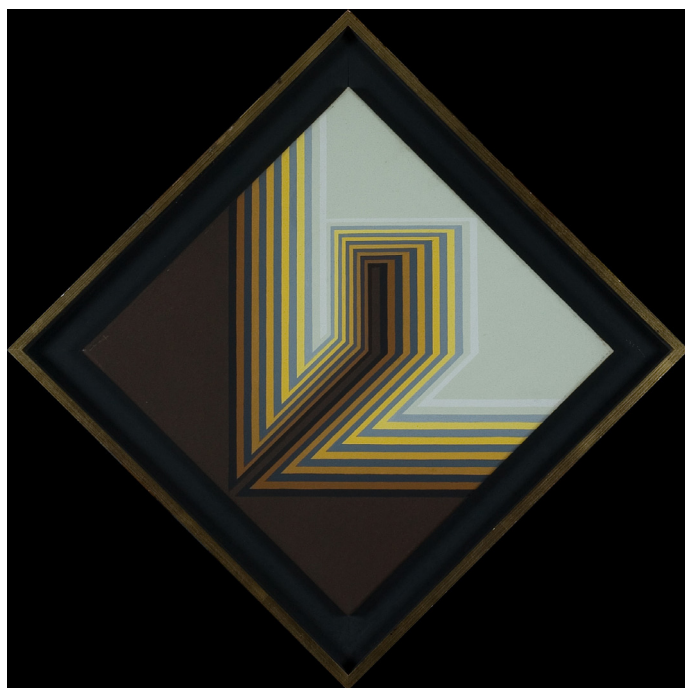
Considero, também, que este trabalho teve a sorte e felicidade de levantar outras questões/hipóteses atinentes ao tema, com o surgimento de um personagem que se revelou importante na formação do Acervo Artístico (e do arquivo histórico): o ex-prefeito Telmo Thompson Flores – conhecido pela destruição dos referenciais de memória da cidade e pelo caráter autoritário das profundas reformas urbanas promovidas por sua administração, sem, inclusive, discutir a prioridade das obras, seu custo social e ecológico, bem como o valor das indenizações (GIOVANAZ, 1999; 2002; MONTEIRO, s/data). Os dados levantados e analisados nesta pesquisa apontam que sem o decisivo apoio de Thompson Flores – fruto de pressões e, principalmente, das suas relações pessoais, gosto pela arte e afinidades eletivas – não teria sido possível viabilizar a existência do Acervo Artístico de Porto Alegre.

Dessa maneira, considero justo ampliar a resposta ao questionamento central deste artigo: o Acervo Artístico de Porto Alegre deve a sua existência (como o conhecemos hoje: uma das mais valiosas coleções de arte do país) ao fato de que na década de 1970 Leandro Telles lá atuou e reuniu essa coleção com o decisivo apoio (entre 1971 e 1975) do Prefeito Telmo Thompson Flores.

Saliento, ainda, que a manutenção de um acervo artístico formado nesta cidade – desde o século XVIII – faz jus aos preceitos da formação de Leandro Telles (e também de pensadores como Mead e outros pertencentes ao chamado "pragmatismo americano"). É a teoria na prática, o "princípio de ficar em casa", a crença (e o trabalho em prol disso) no local como único ponto de partida para o universal. Somente a partir do local que poderemos constituir nossa identidade em interação com as influências sofridas em âmbito nacional e, principalmente, internacional. Creio que é nisso que Leandro Telles e os demais intelectuais do movimento pela preservação do patrimônio cultural acreditavam: precisamos compor e manter o nosso começo, com nossas particularidades, e torná-las gerais, mesmo que arrolemos a soma – como ficou demonstrado neste trabalho – através de meios imperfeitos.



Tomas Abal doando sua obra "Suvian".



Tomás Abal, "Suvian" - 1971.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA RIO-GRANDENSE DE LETRAS. Disponível em <http://www.arl.org.br>. Acesso em 12 nov. 2013.
- ALMEIDA, Adriana M. Os visitantes do museu Paulista: um estudo comparativo com os visitantes da Pinacoteca do Estado e do Museu de Zoologia. In: *Anais do Museu Paulista, São Paulo*, v. 12, p. 269-306 – jan./dez., 2004.
- Altair, J. (16 de novembro de 2005). (F. Krawczyk, Entrevistador)
- BLUMER, Herbert. *Symbolic Interactionism*. Nova York: Prentice Hall, 1969.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. 3ª edição.
- \_\_\_\_\_, DARBEL, Alain. *O amor pela arte: Os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: Editora Edusp, 2003.
- CATÁLOGO GERAL – Pinacoteca Ruben Berta, Pinacoteca Aldo Locatelli. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1991.
- Correio do Povo, 25 de maio de 1971, página não legível.
- Correio do Povo, 15 de agosto de 1975, p.11.
- DABUL, Lígia. *Museus de Grandes Novidades: Centros Culturais e seu Público*. In: *Horizontes Antropológicos, Porto Alegre*, ano 14, nº 29, p.257-278, jan./jun. 2008.
- Diário de Notícias, 11 de novembro de 1971. Museu Ruben Berta é da Prefeitura. Capa e p.2.
- Diário de Notícias, 19 de fevereiro de 1975, p.8.
- FERRO, Marc. J. *Os Tabus da História. A face oculta de acontecimentos que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- Folha da Tarde, 06/03/1972, página não legível.
- Folha da Tarde, 05 de junho de 1979. p.16.
- Folha da Tarde, 22 de outubro de 1979. p.31.
- GIOVANAZ, Marlise. *A preservação patrimonial em Porto Alegre (1960-1979)*. In. KRAWCZYK, Flávio (Org.). *Da necessidade do Moderno: O futuro da Porto Alegre do século passado*. Porto Alegre: Unidade Editorial da SMC, 2002, p. 121-153.
- \_\_\_\_\_. *Lugares de História. A preservação Patrimonial na cidade de Porto Alegre (1960-1979)*. Porto Alegre: 1999. 164p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS.
- HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. pp.253-281.
- KRAWCZYK, Flávio. *O Espetáculo da Legitimidade – os salões de Artes Plásticas em Porto Alegre (1875-1995)*. Porto Alegre: 1997. 416p. Dissertação (Mestrado em História, Teoria e Crítica da Arte) – Instituto de Artes, UFRGS.
- \_\_\_\_\_; PETTINI, Ana Luz. *Pinacotecas Aldo Locatelli e Ruben Berta – Acervo Artístico da Prefeitura de Porto Alegre*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2008.
- MEAD, George H. *Espírito, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductivismo social*. Barcelona: Paidós, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: University of Chicago, 1972.
- \_\_\_\_\_. *The philosophy of the present*. Chicago: The University of Chicago, 1980.
- MEIRA, Ana Lúcia. *O passado no futuro da cidade: políticas públicas e participação popular na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.
- MONTEIRO, Charles. *Discutindo o projeto de reformas urbanas da administração municí-*

pal do prefeito Thompson Flores em Porto Alegre (1969-1975). Porto Alegre: PPGH/PUCRS, s/d.

POSSAMAI, Zita. Entre o guardar e o celebrar: memórias, documentos e peças de museu. In: KRAWCZYK, Flávio (Org.). *Da necessidade do Moderno: O futuro da Porto Alegre do século passado*. Porto Alegre: Unidade Editorial da SMC, 2002, p. 35-68.

\_\_\_\_\_. *Guardar e Celebrar o Passado. O Museu de Porto Alegre e as memórias da cidade*. Porto Alegre: 1998. 183p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS.

Santa Helena, G. (06 de novembro de 2013). (Depoimento a L. M. Figueira da Silva)

SILVEIRA, Oliveira. *Vinte de Novembro: História e Conteúdo*. Porto Alegre: Câmara Municipal de Porto Alegre: 2003, p.13.

SIMON, Cirio. *Uma Pinacoteca como deve ser*. Publicado em 18/12/2012 em <http://profcirio-simon.blogspot.com.br>. Acesso em 03 de novembro de 2013.

TELLES, Leandro Silva. *Manual do Patrimônio Histórico*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, Rio Pardo: Prefeitura Municipal, 1977.

\_\_\_\_\_. *A Pinacoteca Municipal*. *Correio do Povo*, 04 de abril de 1971. pp.78 e 79.

\_\_\_\_\_. *Pinacoteca Municipal*. *Correio do Povo*, 02 de setembro de 1978. p.12.

\_\_\_\_\_. *Pinacoteca versus Portaria*. *Correio do Povo*, 07 de novembro de 1978. p.9.

\_\_\_\_\_. (17 de abril de 2007). (F. Krawczyk, Entrevistador)

Zero Hora, 04/03/1972, página não legível.

SILVEIRA, Oliveira. *Vinte de Novembro: História e Conteúdo*. Porto Alegre: Câmara Municipal de Porto Alegre: 2003, p.13.

SIMON, Cirio. *Uma Pinacoteca como deve ser*. Publicado em 18/12/2012 em <http://profcirio-simon.blogspot.com.br>. Acesso em 03 de novem-

bro de 2013.

TELLES, Leandro Silva. *Manual do Patrimônio Histórico*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, Rio Pardo: Prefeitura Municipal, 1977.

\_\_\_\_\_. *A Pinacoteca Municipal*. *Correio do Povo*, 04 de abril de 1971. pp.78 e 79.

\_\_\_\_\_. *Pinacoteca Municipal*. *Correio do Povo*, 02 de setembro de 1978. p.12.

\_\_\_\_\_. *Pinacoteca versus Portaria*. *Correio do Povo*, 07 de novembro de 1978. p.9.

\_\_\_\_\_. (17 de abril de 2007). (F. Krawczyk, Entrevistador)

Zero Hora, 04/03/1972, página não legível.



**PREFEITURA  
PORTO  
ALEGRE**

---

SECRETARIA DA CULTURA